

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS
CULTURAIS**

Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais

Magali Regina Biffi

**MEMÓRIA E RESSIGNIFICAÇÃO DE VIDA NA TERCEIRA IDADE: UM ESTUDO
ATRAVÉS DE BIOGRAFIAS PESSOAIS**



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS

Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais

Magali Regina Biffi

MEMÓRIA E RESSIGNIFICAÇÃO DE VIDA NA TERCEIRA IDADE: UM ESTUDO ATRAVÉS DE BIOGRAFIAS PESSOAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação aplicada em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Memória Social e Bens Culturais.

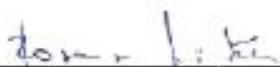
Orientação: Profa. Dra. Lúcia Rosa
Coorientação: Profa. Dra. Tamara Cecilia Karawejczyk Telles

CANOAS, 2022

MAGALI REGINA BIFFI

Trabalho Final aprovado como requisito parcial para obtenção do título de mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle.

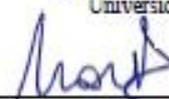
BANCA EXAMINADORA



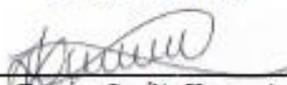
Prof. Dr. Rosângela Fritsch
Universidade do Vale do Rio dos Sinos



Prof. Dr. Artur Cesar Isaia
Universidade La Salle



Profa. Dra. Mafía de Lourdes Borges
Universidade La Salle



Profa. Dra. Tamara Cecilia Karawejczyk Telles
Coorientadora – Universidade La Salle



Profa. Dra. Lúcia Regina Lucas da Rosa
Orientadora e Presidente da Banca – Universidade La Salle

Área de concentração: Memória Social e Bens Culturais

Curso: Mestrado em Memória Social e Bens Culturais

Canoas, 28 de março de 2022.

Dedico este trabalho a todos os idosos.
Sem eles nada disso teria sentido.
Que eles continuem tendo sede de
conhecimento e de continuidade de vida
para que mais trabalhos como esse
possam ser realizados.

AGRADECIMENTOS

Enfim chegou a hora de agradecer a todos que me acompanharam durante esse trabalho. Escrever sobre as alegrias que me acompanharam durante todo o processo. O que parecia tão distante se concretiza.

Sempre agradeço, em primeiro lugar, a Deus, o autor da minha vida. “Eu te louvo porque me fizeste especial e admirável. Os teus olhos me viram substância ainda informe, no ventre da minha mãe, e no teu livro foram escritos cada um dos meus dias, quando nenhum deles ainda havia.” Sl. 139 Tu guardaste cada um dos meus dias e fez com que meus objetivos fossem alcançados, durante esses dois anos de estudo, dois anos de pandemia.

À minha mãe pelo devotamento de uma vida inteira. À minha filha pelo companheirismo e por acreditar em mim. É por vocês que me mantenho forte. Ao meu pai, mesmo não estando mais entre nós, foi ele quem plantou em mim a semente do conhecimento. A vontade de estudar e aprender cada vez mais.

À Professora Lúcia Rosa, por ter sido minha orientadora, por ter conduzido esse trabalho com paciência e abdicção, sempre disponível para me auxiliar e a compartilhar conhecimento. Mais que uma professora, uma amiga. A ti muito se adequa a frase da amada Cora Coralina “Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.”

Aos idosos da UNATI pelas histórias contadas, relatos de experiência de vida, que me trouxeram momentos memoráveis e experiência de vida.

Aos professores do PPG de Memória Social e Bens Culturais pelos ensinamentos, que me permitiram crescer conhecimento a este trabalho. Cada disciplina realizada foi um acréscimo de saber. Permitiram-me apresentar um melhor desempenho nesse processo de formação.

À secretaria do PPG pelo auxílio e paciência na dissolução das dúvidas e na informação sempre precisa.

Aos colegas com quem convivi durante esses dois anos. Mesmo a distância, por causa da pandemia da Covid-19, me auxiliaram durante esse processo. Foi um prazer ter convivido com cada um.

A todos que contribuíram, participaram, acreditaram e estimularam, direta ou indiretamente o desenvolver de cada linha desse trabalho, engrandecendo e tornando melhor o meu aprendizado.

“O medo de envelhecer é inevitável,
temos que aceitar isso, mas não podemos
deixar que nos paralise”.

(Isabel Allende)

RESUMO

Recentemente direcionou-se um novo olhar para a terceira idade pois a longevidade é um fato recente na humanidade e precisa ser considerado. Por isso, este estudo torna-se importante na medida em que precisamos examinar com afinco o desejo dos nossos velhos de continuar a fazer parte da sociedade, dar-lhes a chance de continuar a conviver com amigos e a preservar e ressignificar suas memórias. Este trabalho é uma continuidade do que foi realizado em um dos estágios na graduação, no qual foram desenvolvidas oficinas na UNATI – Universidade Aberta da Terceira Idade da Unilasalle. A UNATI busca, nesse sentido, oferecer oficinas para que os idosos possam compartilhar essas ideias. Uma delas, *Literaturando a Vida*, produziu ressignificação das memórias estudando biografias de autores da literatura e da arte como memória de vida. As biografias atuam como gatilho de memória para que cada aluno possa lembrar e contar sua própria história e dividi-la com seus semelhantes. Esta pesquisa tem como problema: Como ressignificar memórias de vida na terceira idade por meio de textos biográficos de autores da literatura e da arte plástica? Para responder a este problema, estabelecemos o seguinte objetivo: Analisar as memórias de vida da terceira idade do projeto UNATI da Unilasalle/Canoas com a finalidade de construção de um livro que ressignifique essas memórias. Ao longo desta escrita, mostraremos a relação que a memória possui com a literatura, com a história e como essas histórias se tornam disponíveis na nossa mente quando escutamos as biografias. Para isso, trazemos os estudos, principalmente, de: Eclea Bosi (1987; 2003), Umberto Eco (2011), Maurice Halbwachs, (2006), Paulo Tedesco (2021) e Benito Bisso Schmidt (2019). O produto final deste mestrado é um livro com relatos das oficinas da UNATI. Concluindo, exponho uma análise entre teoria e prática para que fique elucidada a importância desse trabalho com a Terceira Idade.

Palavras-chave: Terceira idade; Memória; Biografia; Literatura.

ABSTRACT

Recently a new look has been directed towards the golden age because the longevity is a recent fact in humanity, and it needs to be considered. Therefore, this study becomes important inasmuch as we have to examine with persistence the desire from the elderly to continue on being part of the society, to give them the chance to continue on living together with their friends and to preserve and resignify their memories. This dissertation is a continuation of what has been accomplished in one of the internships from the under graduation, in which were developed workshops at UNATI – university opened to the senior citizens from Unilasalle. UNATI seeks, in this matter, to offer workshops so that the elderly can share these ideas. One of them, *Literaturing life*, has produced redefinition of memories by studying biographies from literature and art authors as a life memory. Biographies act like memory triggers so that each student can be able to remember and tell their own story and share it with their equals. This research problematization is: How to resignify life memories in the golden age through biographical texts from literature and visual arts authors? To answer this issue, we have established the following objective: Analyse the life memories of the golden age from Unilassale's project UNATI in Canoas with the intention of writing a book that resignifies these memories. Throughout this writing, we will show the relation that memory has with literature, with history and how these stories become present in our minds when we listen to the biographies. To this end, we bring, mainly, the studies of: Eclea Bosi (1987; 2003), Umberto Eco (2011), Maurice Halbwachs, (2006), Paulo Tedesco (2021) and Benito Bisso Schmidt (2019). The final product from this master's program is a book containing reports from the workshops at UNATI. In conclusion, I present an analysis between theory and practice in order to clarify the importance of this work with the Golden Age.

Keywords: Golden age; Memory; Biography; Literature.

APRESENTAÇÃO

Este trabalho de mestrado é um sonho que foi concretizado. Apaixonei-me por biografias lendo histórias de vida e frases de grandes mestres da literatura e da arte e me aproveitava do conhecimento deles para visualizar outras nuances de situações pelas quais todos passamos. É revelador e instigante dividir experiências de vida.

Foi no último semestre de Letras, no Estágio IV, estágio não escolar, que surgiu a oportunidade de trabalhar com os idosos da UNATI – Universidade Aberta da Terceira Idade – era, então, a chance perfeita para concretizar o meu sonho. Idealizei uma oficina intitulada *Mulheres que inspiram mulheres*. Biografias e frases de mulheres da literatura e da arte, tais como: Agatha Christie, Cora Coralina, Virgínia Woolf, Frida Kahlo. Foi uma troca excepcional de experiências. E após as aulas, nós sempre nos sentávamos para um chá com bolachas e bolos trazidos pela professora e cada aluno.

A minha formatura foi em 17/08/2019, lá estava eu ouvindo meu nome sendo chamado e recebendo o diploma de Licenciatura em Letras. Depois de formada, me voluntariei como professora na UNATI para dar prosseguimento a um trabalho que mostrou dar um novo significado às experiências dos alunos e às minhas experiências. A oficina aconteceu no período de agosto a dezembro de 2019 e foi intitulada *Literaturando a Vida*. Tinha 14 alunos, 12 mulheres e 2 homens, que assistiam as aulas com entusiasmo e participavam com trocas de experiência. Eu dividi o meu sonho com os idosos e o trabalho em sala de aula fluiu com tanta intensidade que eles decidiram sonhar comigo. E nesse sonho, veio o ingresso ao Mestrado, dando sequência ao trabalho realizado na UNATI

Durante a leitura desta dissertação, o leitor vai se deparar com três modos de tratamento. A expressão *Terceira Idade*, em razão do termo UNATI fazer referência – Universidade Aberta da Terceira Idade. *Velho*, por ser essa a nomenclatura usada por Ecléa Bosi (1987), uma das autoras que embasa essa dissertação. E *idoso* em virtude de ser um termo usado pela sociedade, por ser um sinônimo a fim de variar as expressões.

Eliane Brum (2014) considera que a velhice sofreu uma cirurgia plástica na linguagem. As pessoas se recusam a ser chamadas de velhas, querem ser chamadas de idosos:

Desde que a juventude virou não mais uma fase da vida, mas uma vida inteira, temos convivido com essas tentativas de tugar a velhice também no idioma. Vale tudo. Asilo virou casa de repouso, como se isso mudasse o significado do que é estar apartado do mundo. Velhice virou terceira idade e, a pior de todas, “melhor idade”. [...] A velhice é o que é. É o que é para cada um, mas é o que é para todos, também. Ser velho é estar perto da morte. E essa é uma experiência dura, duríssima até, mas também profunda. Negá-la é não só inútil como uma escolha que nos rouba alguma coisa de vital. (BRUM, 2014).

Brum ressalta que para não envelhecer, as pessoas têm usado de eufemismos:

Não, eu não sou velho. Sou idoso. Não, eu não moro num asilo. Mas numa casa de repouso. Não, eu não estou na velhice. Faço parte da melhor idade. [...] Quando chegar a minha hora, por favor, me chamem de velha. Me sentirei honrada com o reconhecimento da minha força. (BRUM, 2014).

Diante disso, temos que considerar que Segundo Manzaro (2014), é tarefa bastante difícil definir estes conceitos: Terceira idade, velho e idoso, pois eles têm diversas dimensões e é importante pontuar que existe uma diferença no uso desses termos.

Pelo termo idoso, podemos entender todo e qualquer indivíduo acima de 60 anos de idade. Este conceito foi criado na França em 1962, substituindo termos como velho e velhote e foi adotado no Brasil em documentos oficiais logo depois. O idoso é o sujeito do envelhecimento. (MANZARO, 2014).

A velhice, segundo Ecléa Bosi (1987), Além de ser um destino do indivíduo, é uma categoria social. Tem um estatuto contingente, pois cada sociedade vive de forma diferente o declínio biológico do homem. (BOSI, 1987, p. 35).

O termo velhice é considerado para uns como o último ciclo da vida, que independe de condições de saúde e hábitos de vida, é individual. Outros acreditam que a velhice é uma experiência subjetiva e cronológica. Acreditamos que a velhice seja como uma construção social que cria diversas formas diferentes de se entender o mesmo fenômeno, dependendo de cada cultura. (MANZARO, 2014).

A Terceira idade seria a primeira fase do envelhecimento:

E terceira idade? Esta é a fase entre a aposentadoria e o envelhecimento e que traz consigo as demandas de cuidado com a saúde de uma forma mais ampla, já pensando em um envelhecimento com mais qualidade de vida. [...] o idoso é alguém que existiu no passado, que realizou o seu percurso psicossocial e que apenas espera o momento fatídico para sair inteiramente da cena do mundo. [...] Acreditamos não ser possível categorizar uma etapa da vida que vive em constante processo, porém também temos consciência de que em nossa sociedade algumas considerações tornam-se inviáveis, uma vez que o “velho” perdeu o lugar que ocupava antes. (MANZARO, 2014).

A UNATI agrega pessoas acima dos 60 anos, a primeira fase da velhice. Portanto, é compreensível o uso das três nomenclaturas. Registro ainda uma matéria do Grupo Cynthia Charone (2022), Instituição de Saúde, que explica a origem de cada terminologia usada.

Idoso

Denominação oficial para pessoas com idade igual ou superior a 60 anos no Brasil. Esse conceito foi criado em 1962, na França, e veio a substituir termos considerados mais pejorativos como velhote ou velho. Assim, o termo idoso foi adotado legalmente no Brasil.

Terceira idade

O conceito do termo terceira idade também foi também criado na França, em 1962, para se adequar à nova política que visava substituir denominações pejorativas muito utilizadas no país. Pouco depois, a denominação também foi adotada no Brasil e, mesmo não estando errada, não se aplica a todos os contextos. O conceito de terceira idade foi adotado com objetivo de ser usado para se referir às pessoas em fase de aposentadoria por idade

Velho

Ainda que o envelhecimento seja compreendido como um processo natural, que traz algumas mudanças cognitivas, físicas, sociais e emocionais na vida de uma pessoa, o termo velho, em determinados contextos, pode soar como um termo não aceitável.

O termo mais aceitável, segundo Cynthia Charone (2022), para se referir a esses indivíduos é idoso ou idosa, pois além de ser uma terminologia que confere respeito às pessoas que atingiram essa faixa etária, a expressão também traz a compreensão do envelhecimento a partir dos conceitos da gerontologia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cone invertido de Bergson.....	38
Figura 2 – Foto de Divulgação: Museu da Pessoa / Banco Sonoro.....	65
Figura 3 – Foto da Biblioteca humana.....	66
Figura 4 – Fotos de moradores a caminho do centro da cidade de Tiradentes... 67	
Figura 5 – Foto do Jornal.....	71
Figura 6 – Contracapa.....	71
Figura 7 – Aula biografia Frida Kahlo.....	74
Figura 8 – Atriz Juçara Gaspar na oficina Literaturando a vida.....	75
Figura 9 – Chamada para espetáculo: Frida Kahlo, à Revolução.....	75
Figura 10 – Capa do livro.....	77
Figura 11 – Contracapa do livro.....	78
Figura 12 – Erico Veríssimo.....	78
Figura 13 – Livraria do Globo na Rua da Praia em Porto Alegre/RS.....	79
Figura 14 – Capitão Rodrigo: ator Tarcísio Meira e Tiago Lacerda.....	82

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Artigos selecionados	19
Quadro 2 – Custos	84
Quadro 3 – Recursos	84
Quadro 4 – Atividades.....	85

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 PUBLICAÇÕES SOBRE O TEMA.....	18
1.2 OBJETIVOS	24
1.2.1 Objetivo Geral	24
1.2.2 Objetivos Específicos	24
2 MEMORIAL ACADÊMICO	25
3 OS PROCESSOS DA MEMÓRIA, RELAÇÃO E CONSIDERAÇÕES COM LITERATURA E HISTÓRIA	27
3.1 MEMÓRIA E LITERATURA.....	31
3.2 MEMÓRIA E HISTÓRIA.....	35
3.3 HISTÓRIAS PESSOAIS E MEMÓRIAS	39
3.3.1 O porquê de escrever biografias	42
3.3.2 Alguns casos Polêmicos de Biografias não autorizadas	46
4 METODOLOGIA E CONTEXTUALIZAÇÃO DO PRODUTO DE PESQUISA	55
4.1 TIPO DE PESQUISA.....	55
4.2 COLETA DE DADOS	57
4.3 ANÁLISE DOS DADOS.....	58
5 COMPREENDENDO AS BIOGRAFIAS NA UNATI	60
5.1 BIOGRAFIA E PATRIMÔNIO CULTURAL	60
5.2 OFICINAS REALIZADAS NA UNATI	69
5.3 EXEMPLO DE OFICINA.....	72
6 PROPOSTA DE PRODUTO FINAL	76
6.1 APRESENTAÇÃO DO PRODUTO FINAL.....	76
6.2 ESBOÇO DO LIVRO	77
6.3 TRILHA PEDAGÓGICA.....	83
6.4 CUSTOS DO LIVRO	84
6.5 CRONOGRAMA.....	85
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	91
ANEXO A: CAPA E CONTRACAPA DO DIÁRIO DE CANOAS DE 18/09/2021	95
ANEXO B: CERTIFICADO	96
ANEXO C: HOMOLOGAÇÃO	97

1 INTRODUÇÃO

Ao estudar textos biográficos de escritores, veio a inspiração para tornar essas leituras algo mais significativo e abrangente. Admirar situações de vida e compará-las com a situação pessoal, aliado a perceber que muitos leitores poderiam ter a mesma sensação de identificação, impulsionou à criação de um livro que descrevesse as atividades realizadas em uma oficina para idosos realizada durante estudos da graduação na Unilasalle.

Literaturando a vida é o título do livro, produto final deste mestrado. Trata-se do relato das oficinas realizadas na UNATI – Universidade Aberta da Terceira Idade – da Universidade La Salle. Nas páginas a seguir, a história de como nasceu esse projeto. E como ele tem oportunizado uma vida digna para idosos que têm se sentido valorizados através deste projeto, proporcionando uma continuidade da vida social do idoso.

Esta escrita tem por tema a resignificação de vida na terceira idade através do estudo de biografias. Tais textos biográficos proporcionaram comparações da vida de escritores com a vida pessoal do grupo de idosos e conseguimos conversar a respeito das trajetórias de vida. Os idosos já passaram por muitas situações de vida, já cumpriram a sua função com a família e com a sociedade. Eles já foram crianças, foram à escola, foram jovens, casaram, constituíram uma família, presenciaram a saída dos filhos do lar, a maioria já está aposentada. Eles precisam falar e precisam ser ouvidos, e juntos vão lembrando e relatando suas histórias de vida. E ao sentir a importância desses relatos começam a criar novos vínculos sociais e fortalecer o vínculo familiar, uma vez que a satisfação de se sentir importante faz o idoso se relacionar melhor com esposa, filhos e netos. Assim sentem que a velhice não é o fim. As biografias são usadas como histórias de vida referenciais e juntamente com as histórias de vida dos autores são trazidos à lembrança as narrativas históricas. Existe, portanto, uma contextualização.

Este projeto nasceu do meu amor por biografias. Sempre quando leio um livro ou vejo uma obra de arte, gosto de ler a história do autor ou da autora. E durante o Estágio IV no curso de Letras na graduação, efetuado na UNATI, Universidade aberta da terceira idade, pude concretizar essa junção de algo que gosto com um trabalho voltado à terceira idade.

Foi estudando sobre memória e biografias que me interessei por utilizar as biografias como ressignificação de vida ao ministrar as oficinas. Segundo Deroni Sabbi (2019), Doutor em psicologia, “Ressignificação é um método que permite às pessoas uma nova significação aos acontecimentos de suas vidas, através de uma nova visão de mundo.” O autor defende a ideia de que há um filtro ao olharmos para situações de vida:

O significado de todo acontecimento depende do filtro que usamos para vê-lo. Mudando o filtro, mudamos o significado e, por conseguinte, os sentimentos que nos governam diante de cada situação. Esse filtro é uma nova concepção de mundo, desprovida de preconceitos, vitimismo, supervalorização da dor e redenção pelo sofrimento. Aprendemos que coisas acontecem, e não podemos impedi-las, mas, a forma como agimos em relação a elas é que dirá se somos senhores ou escravos de nós mesmos. (SABBI, 2019)¹.

Muitas vezes achamos que estamos sozinhos no mundo e escutando relatos de superação de vida, percebemos que outras pessoas também passaram pelos mesmos problemas e venceram. E se não venceram, descobriram uma maneira de melhorar suas vidas ao compartilharem suas memórias. Trabalhando a história de vida desses autores, de quem, às vezes, só conhecemos algumas obras e alguns fatos da vida, nos identificamos e isso pode colaborar com a nossa história de vida. O trabalho realizado na UNATI, em 2019, contou com a realização de oficinas a partir de textos biográficos, relacionando as experiências dos autores às experiências dos alunos, destacando as frases dos autores e desenvolvendo debate sobre situações vivenciadas. O produto final desse Mestrado é um livro com relatos de oficinas para grupos de Terceira Idade, descrevendo as atividades desenvolvidas como proposta metodológica.

É importante para os idosos relatarem as memórias deles, escutarem as histórias uns dos outros, mas havia uma inibição, um certo constrangimento para iniciarem os relatos de vida. Tão logo alguém começava a falar, suscitavam lembranças e havia uma troca de informações, uma ressignificação. E não é justo impor ao grupo que falem das memórias de vida. Eles não merecem passar por esse constrangimento de serem forçados a lembrar situações vividas e falar sobre elas. Era preciso escutar uma história para atuar como gatilho de memória. Então chegamos ao problema de

¹ SABBI, Deroni. Ressignificando a vida. **Revista online administradores.com**, café.com.adm. Disponível em: <https://administradores.com.br/artigos/ressignificando-a-vida>. 2019. Acesso em: 31 jul. 2021.

pesquisa: **Como ressignificar memórias de vida na terceira idade por meio de textos biográficos de autores da literatura e da arte plástica?** Podemos usar os textos biográficos como memórias paralelas para promover a identificação do idoso com a história de vida dos autores. Os textos biográficos mostraram para os idosos que qualquer memória tem um significado em relação ao tempo, podendo ser modificada na atualidade com a possibilidade de deixar de ser um constrangimento ou motivo de entristecimento, dando-lhe um novo significado.

Em sala de aula usávamos como ponto de partida a biografia de um(a) autor(a) em cada aula. Essa biografia suscitava muitas lembranças e trazia com elas muitas histórias.

Halbwachs (2003) nos coloca a seguinte situação: suponhamos que um grupo de amigos, de longa data, amigos que não tivemos oportunidade de rever durante um tempo, cada um deles estivesse ao mesmo tempo muito perto e muito longe uns dos outros, pois possuem reflexões e pensamentos individuais e isso escapa uns aos outros. Cada um traz consigo ideias e pensamentos que se originam em outros grupos, reais ou imaginários. Algum tempo depois talvez se encontrem novamente e um deles se lembre de coisas que também os outros lembrem ou deveriam lembrar se tivessem mantido contato uns com os outros. Para nos explicar isso, Halbwachs (2003, p. 39) faz considerações,

[...] esquecemos tudo o que ele evoca e inutilmente se esforça por nos fazer lembrar. Em compensação lembramos aquilo que sentíamos então, sem que os outros soubessem, como se este gênero de lembrança houvesse marcado sua impressão mais profundamente em nossa memória porque dizia respeito exclusivamente a nós. [...] Será que por isso a memória individual, é uma condição necessária e suficiente da recordação e do reconhecimento das lembranças? De modo algum, pois se esta primeira lembrança foi suprimida, se não nos é mais possível reencontrá-la, é porque há muito tempo não fazemos parte do grupo na memória do qual ela se mantinha. Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum.

Tínhamos esse fato em sala de aula: os idosos tinham idades semelhantes e viviam circunstâncias parecidas, escutavam histórias contadas pelos pais que eram, na maioria das vezes, comuns a todos, posto que era o contexto do Brasil atual. Muitos viajaram para o exterior, ou nunca viajaram, alguns perderam os pais muito cedo, tiveram que se erguer sozinhos na via.

A memória oral, longe da unilateralidade para a qual tendem certas instituições, faz intervir pontos de vista contraditórios, pelo menos distintos entre eles e aí se encontra sua maior riqueza. Ela não pode atingir uma teoria da história e nem pretende tal fato: ela ilustra o que chamamos hoje a História das mentalidades, a História das sensibilidades. (BOSI, 2003, p. 15).

Considerando as formas com que cada idoso interpreta determinados acontecimentos, “a memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado.” (BOSI, 2003, p. 15).

Os idosos relataram suas histórias, saudades, arrependimentos, superação, orgulho e compartilhavam com os outros alunos as suas histórias, a formação das famílias, os filhos saindo de casa, os netos... Situações vivenciadas por eles, tudo que queiram compartilhar conosco naquele momento. Tudo o que têm vivenciado, tem tornado eles mais fortes; “Do vínculo com o passado se extrai a força para formação da identidade.” (BOSI, 2003, p. 16).

As oficinas se desenvolviam sempre dando ênfase às lembranças que marcaram a vida dos idosos e muitas destas lembranças se tornavam mútuas, pois eles viveram na mesma região ou época. Desta maneira, valorizamos informações referentes à vida dos alunos, incentivando que contassem sobre episódios do passado nos seus cotidianos, enfatizando que “a memória oral é um instrumento precioso se desejamos constituir a crônica do cotidiano.” (BOSI, 2003, p. 15). Porém, as histórias contadas em sala de aula não são apenas um relato pessoal, são uma maneira de sair do anonimato, de não mais fazer parte de uma camada excluída da sociedade. Trata-se de uma situação vivenciada, “a narração da própria vida é o testemunho de mãos eloquentes dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória.” (BOSI, 2003, p. 68).

O ser humano tem necessidade de falar, de contar e de escutar sobre si e sobre outros, tem necessidade de conhecer outras histórias e de partilhar a sua própria história:

Uma segunda teoria concorda que nossa linguagem singular evoluiu como um meio de partilhar informações sobre o mundo. Mas as informações mais importantes que precisavam ser comunicadas eram sobre humanos e não sobre leões e bisões. Nossa linguagem evoluiu como uma forma de fofoca. De acordo com essa teoria, o Homo Sapiens é antes de mais nada um animal social. (HARARI, 2017, p. 31).

Ainda segundo Harari (2017), a quantidade de informações que precisamos armazenar a fim de ter uma relação de trocas de informações, é assombrosa. As habilidades linguísticas que os homens adquiriram há cerca de 70 milênios permitiram

que focassem por horas a fio. E foi graças a informações precisas sobre quem era digno de confiança que pequenos grupos puderam expandir para grupos maiores e os sapiens puderam desenvolver tipos de cooperação mais sólidos e mais sofisticados. A teoria fofoca pode parecer uma piada, mas existem muitos estudos que a comprovam. A maior parte da comunicação humana via e-mail, telefonemas ou colunas de jornais é fofoca. (HARARI, 2017, p. 32).

Analisando a citação de Harari (2017), concluímos: o homem foi feito para viver narrativas! Existe a necessidade de contar e escutar sobre os outros. Por isso, este trabalho na UNATI é tão importante para a terceira idade. O tema *Terceira Idade* é novo em pedagogia e psicologia. A psicologia do desenvolvimento ignorou a velhice por muito tempo. A ênfase ao longo dos tempos tem sido dada à criança e ao adolescente. Na sociedade atual a velhice tem sido estudada, mas norteadada por muitos mitos. A realidade das últimas décadas aponta para um aumento da velhice. Precisamos provocar a mudança de pessoa idosa no Brasil e valorizar mais a terceira idade, a experiência vivida, a sabedoria construída ao longo da vida e a narrativa das histórias construídas. (FOSSATI, 2011).

1.1 PUBLICAÇÕES SOBRE O TEMA

Entender o idoso como parte de um todo é considerá-lo como um sujeito que pertence à sociedade e precisa sentir-se útil e valorizado. Considerar seus interesses, suas necessidades, suas limitações e todas as possibilidades para continuar interagindo socialmente.

O quadro abaixo cita alguns artigos afins que localizei na internet, de janeiro a junho de 2021, pesquisando para fundamentar a construção deste projeto. Para a pesquisa foram usadas as palavras-chave: Terceira idade, Memória, Biografia, Literatura. Foram utilizados esses descritores por serem mais específicos ao tema do meu projeto. Foram lidos todos os resumos de trabalhos afins, a partir de 2008, encontrados em sites acadêmicos, Google Acadêmico, Scielo, CAPES e Science Research, que se referiam ao tema do projeto. No primeiro momento foram selecionados 116 publicações, porém após a leitura foram selecionadas oito publicações que mais cumprem com esse propósito atendendo às diferenças e semelhanças na busca de um conceito de Terceira idade, identidade, literatura.

Quadro 1 – Artigos selecionados.

Título do trabalho	Autor	Ano	Base de dados/Resumo	Palavras-chave
Velhice e Identidade: Significações de Mulheres Idosas	ARGION, et al.	2011	Reflexões sobre a construção de identidade em mulheres da terceira idade.	Idosas;
A construção de narrativas históricas: conservação da memória na terceira idade	KALINOVSKI; Érica Fernanda	2015	Compreender a significância de projetos voltados à terceira idade.	Memória. Terceira idade
Terceira idade: nova identidade, reinvenção da velhice ou experiência geracional	SILVA, Luíz Rodrigues Freitas	2008	Sobre as experiências de envelhecer que vêm se configurando nos últimos anos.	Identidade; terceira idade.
Literatura como processo de formação e informação: o texto literário voltado para a terceira idade no programa FAE SÊNIO	CHAVES Giovana; CAMARGO, Luiz	2019	Sobre o uso de literatura como recurso de informação à Terceira Idade.	Literatura Idoso
Biografia, informação e memória: um estudo a Partir da autobiografia de Edson Nery da Fonseca	GONÇALVE S, Rita de Cássia	2020	Sobre a Biografia como fonte de informação e memória.	Biografia; Autobiografia; Fontes de informação; Memória; Edson Nery da Fonseca; Biblioteconomia brasileira
Narrativas do envelhecimento: ser velho na sociedade contemporânea	ABOIM, Sofia	2014	Entrevista com homens e mulheres com mais de 65 anos para elaborar um retrato do que significa ser velho.	Envelhecimento, Corpo, Discriminação social
A construção de narrativas históricas: conservação da memória na terceira idade	KALINOVSKI , Érica Fernanda Zavadovski; FRANÇA, Fabiane Freire	2015	Compreender a necessidade de atividades voltadas à memória na terceira idade, por meio da construção de narrativas orais.	Narrativas orais. História. Memória. Idoso
A Universidade Aberta a Terceira Idade (UATI) e a Extensão Universitária: Ressignificando a práxis acadêmica na UNEB Campus XI – Serrinha	NUNES, Fernando de Souza	2018	O aumento da expectativa de vida requer mudanças no trato com os idosos.	Idosos, Extensão, Universidade, UATI.

Fonte: A autora, 2021.

Dos trabalhos encontrados, escolhemos alguns para serem analisados devido à semelhança com o propósito deste trabalho de Mestrado. Listo a seguir os artigos pesquisados:

1 *Velhice e Identidade: Significações de Mulheres Idosas.* (ARGIMON, et al., 2011). O artigo propõe reflexões sobre a construção da identidade em mulheres idosas. Foram realizadas entrevistas com seis idosas, e os dados foram analisados por meio da Análise Compreensiva de Base Fenomenológica. Constatou-se que a mulher idosa pode estar ressignificando o papel dela na sociedade, e está rumando à construção de um espaço social onde haja igualdade de direitos e deveres. Podemos observar que as pessoas, apesar de estarmos no século XXI, possuem as mesmas percepções sobre a velhice. Período onde a velhice é vista como uma fase de declínio físico e cognitivo. Há uma busca de amizades por pessoas mais novas, uma desvalorização da pessoa que tem mais idade.

Esse artigo se assemelha muito ao meu projeto, devemos aqui mencionar Ecléa Bosi, que é a autora que embasa a minha pesquisa, quando pergunta o que é ser velho na sociedade capitalista? E responde: “É sobreviver. Sem projeto, impedido de lembrar e de ensinar, sofrendo as adversidades de um corpo que se desagrega à medida que a memória vai se tornando cada vez mais viva...”. (BOSI, 1987, p. XVII).

2 *A construção de narrativas históricas: conservação da memória na terceira idade,* o segundo artigo de autoria de KALINOVSKI, Érica Fernanda Zavadovski, tem o objetivo de compreender a significância de atividades voltadas à memória na terceira idade, por meio da construção de narrativas históricas orais. É parte da seguinte indagação: como é possível estimular e conservar a memória de idosos a partir da produção de narrativas orais baseadas em fatos históricos de suas vidas? Refletiram, então, sobre a necessidade de manterem uma boa saúde mental. A conclusão é que as instituições destinadas à terceira idade, como a UNATI, devem ir além do assistencialismo. Alguns idosos se sentiram desmotivados ao lembrar ações passadas da vida deles. É preciso estimular a memória. Eu vejo nas oficinas de biografias uma chance de praticar isso. Estudamos as biografias e conversamos para um novo significado de vida.

3 *Terceira idade: nova identidade, reinvenção da velhice ou experiência geracional,* que relata as experiências de envelhecer que vêm se configurando nos últimos anos. As modificações nos hábitos, imagens, crenças e condutas ligadas ao

envelhecimento têm se modificado de forma significativa, determinando o surgimento de que podemos chamar de “experiência da terceira idade”.

São sugeridas, no artigo, três hipóteses para análise: a primeira, que a terceira idade pode ser entendida como uma nova identidade, autônoma e diferenciada da identidade da velhice; a segunda, que seu surgimento pode ser compreendido como uma negação social da velhice propriamente dita; e, finalmente, a terceira hipótese supõe que as características da terceira idade são tributárias da experiência geracional de determinado grupo social. Eu entendo que as três hipóteses são frutos de uma nova identidade, de lutar para ser alguém. A primeira hipótese fala em nova identidade, autônoma e diferenciada da identidade da velhice, a segunda é uma negação da velhice, o que reforça a primeira hipótese; e a terceira, que a terceira idade é tributária da geração de um determinado grupo social, o grupo da Terceira Idade. Como diz Bosi (1987, p. 35), “Além de ser um destino do indivíduo, a velhice é uma categoria. Tem um estudo contingente, pois cada sociedade vive de forma diferente o declínio social do homem.”

4 *Literatura como processo de formação e informação:* o texto literário voltado para a terceira idade. Este artigo de autoria de Giovana Luersen Chaves e Luiz Rogério Camargo intenta compreender o uso da literatura como recurso de formação e informação ao público idoso. O artigo aborda a Gerontologia Educacional, que estuda os processos de aprendizagem do público idoso. Primeiro é averiguado qual o contexto social que o idoso vive atualmente, para, então, desenvolver uma sequência didática que exclua ideias pré-concebidas e estereotipadas ligadas aos idosos. Este projeto didático inclui a música e os benefícios psicossociais e também por estabelecer uma relação direta com a Literatura, promovendo uma aprendizagem mais significativa e prazerosa ao relacionar memória, criatividade e sociabilidade. Também o trabalho com biografia traz uma aprendizagem significativa por relacionar memória e sociedade.

Pesquisando na internet podemos verificar que atualmente existem muitos trabalhos voltados à terceira idade. É consenso que os idosos merecem uma atenção especial para que possam continuar tendo uma vida produtiva e se sintam importantes. A terceira idade está buscando uma nova identidade, não mais o velho improdutivo que fica em casa contando as mesmas histórias e esperando alguém para ajudá-lo nas tarefas diárias. Agora o velho está à procura de instrução, de atualização, continuar inserido na sociedade.

5 *Biografia, Informação e Memória: um estudo a partir da autobiografia*, de Edson Nery Fonseca. Este artigo de autoria de Rita de Cássia Gonçalves tem o intuito de investigar o gênero biografia em sua dupla função: fonte de informação e documento de memória. Amparada em uma ampla revisão bibliográfica inscrita em perspectivas multidisciplinares, buscou as especificidades do gênero biográfico e caracteriza as produções dele derivadas, notadamente as biografias e autobiografias, tanto como fonte de informação quanto recurso social de produção e disseminação de memórias individuais e informações históricas. Para isso adotou como objeto de análise a autobiografia de Edson Nery da Fonseca visando resgatar elementos de sua vida pessoal, profissional e as contribuições político-intelectuais sancionadas por ele ao campo da Biblioteconomia brasileira.

Este projeto *Memória e Ressignificação de Vida na Terceira Idade: Um estudo através de biografias* se enquadra perfeitamente nessa linha, pois nós estudamos uma biografia como fonte de informação e memória e trocamos histórias pessoais. As histórias de vida contadas em sala de aula são a partir da interpretação da biografia e frases de um autor literário. Afinal, se uma biografia é uma história de vida, o que temos em sala de aula são biografias geradas através do estudo de uma biografia.

6 O artigo *Narrativas do envelhecimento: Ser velho na sociedade contemporânea*, de autoria de Sofia Aboin foi elaborado com base em entrevistas realizadas com homens e mulheres com mais de 65 anos de idade residentes em Portugal, procurando elaborar um retrato do que significa ser velho e de qual o impacto do processo de envelhecimento na vida e na identidade da pessoa idosa. Atentando para as diferenças de gênero e de estatuto social mostra que a população idosa revela um relativo conformismo com a velhice, enquanto algo natural. Numa sociedade em que a juventude é muito valorizada e o adiamento da velhice, um lema cada vez mais presente nos discursos públicos e a mídia gera publicidade com promessas que alimentam quotidianamente o mito de rejuvenescimento, parece promover-se a ideia de resistência ao envelhecimento.

O artigo de Silvia Aboin é uma pesquisa feita com a Terceira Idade em Portugal, e é interessante ressaltar que a preocupação com a velhice é universal. Vemos aqui o discurso de Ecléa Bosi sobre a desvalorização do velho. Em como a sociedade age com duplicidade com relação aos velhos. O aumento da longevidade da população deu novos enfoques à sociedade atual e nos fez atentar mais sobre o fenômeno mundial do envelhecimento.

7 O artigo *Construção de Narrativas Históricas: conservação da memória na terceira idade*, de Érica Fernanda Zavadovski Kalinovski e Fabiane Freire França versa sobre a necessidade de atividades voltadas à memória na terceira idade, por meio da construção de narrativas históricas orais. Destaca-se a relevância de compreender os elementos que envolvem a educação voltada a essa população. Isso porque cabe às instituições que destinam atendimento a esse público, não apenas realizar um trabalho assistencialista e/ou técnico, mas, devem, sobretudo, contribuir para o desenvolvimento e aperfeiçoamento das capacidades cognitivas e pensantes dos idosos.

Compreendo ser este o papel das oficinas para com os idosos da UNATI: colaborar para que mantenham vivas as lembranças, dando a oportunidade de trabalharem a memória, rememorando e ressignificando fatos da vida. Oportunizando um resgate da dignidade e a esperança de uma velhice ativa e significativa.

8 O artigo de Fernando Souza Nunes: *A Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) e a Extensão Universitária: ressignificando a práxis acadêmica na UNEB Campus XI – Serrinha* relata o aumento da expectativa de vida no Brasil, por meio do crescimento do número de idosos, requer mudanças no trato e na execução de políticas públicas do Estado devido a mudanças no seu perfil. Visando subsidiar a promoção da dignidade humana dessa parcela da população, motivada por outras Instituições de Ensino Superior. Nesse contexto, emerge a Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), considerada, desde a sua concepção, um programa de educação continuada com ênfase na troca de saberes; de extensão universitária e não formal, visando articular a instituição com essa importante parcela da população – o que justifica a realização do referido trabalho.

A UNATI, Universidade Aberta da Terceira Idade, situada na Unilasalle, nos apresenta como o trabalho de extensão universitária para os idosos tem surgido em todas as universidades, porque é uma necessidade social. Voltar à sala de aula é uma maneira de continuar interagindo na sociedade, empreender dignidade física e mental e adquirir novas amizades. Além do mais, continuar adquirindo conhecimento na terceira idade, instiga a memória e reduz a ansiedade de estar em casa sentindo-se esquecido. Acredito que esse é um dos fatores que tem levado os idosos a procurarem as universidades para continuar estudando. O estímulo em sala de aumenta a qualidade de vida, pois há um aproveitamento real e satisfatório do tempo de cada

idoso. Muitos se mostram deprimidos com a aposentadoria e almejam continuar produzindo e se sentindo úteis.

1.2 OBJETIVOS

A partir das constatações mencionadas, apresento os objetivos que me levaram a transformar uma atividade em pesquisa, na medida em que, desenvolvi um trabalho de impacto social e considero importante ressaltar esse papel da extensão universitária em prol dos idosos. Aqui reúno duas oportunidades: o estágio da graduação e sua continuidade como atividade extensionista e, por ora, produto do Mestrado profissional em Memória Social e Bens Culturais da Unilasalle.

1.2.1 Objetivo Geral

Promover a identificação do idoso do projeto UNATI da Unilasalle/Canoas com a história de vida de autores e artistas com a finalidade de construção de um livro cujas histórias produzam ressignificação de memórias.

1.2.2 Objetivos Específicos

- ⇒ Fomentar a identificação do idoso com a história de vida de autores e artistas, percebendo que suas memórias fazem parte de sua história;
- ⇒ Aguçar as memórias da terceira idade através da biografia;
- ⇒ Desenvolver, através das biografias, um (re)significado de vida e memórias dos idosos;
- ⇒ Oportunizar melhoria de vida para o idoso a partir de suas memórias;
- ⇒ Criar um livro para realização de oficinas para idosos a partir de biografias.

2 MEMORIAL ACADÊMICO

Meu nome é Magali Regina Biffi. Eu nasci em Santo André, São Paulo, em 1963. Tenho, portanto, 58 anos. Desde pequena eu gosto de Literatura. Meu pai era militar da Aeronáutica e nós moramos em várias cidades do Brasil. Então, eu conheço várias culturas, espaços, sotaques... Me considero uma pessoa privilegiada pelo conhecimento que adquiri ao longo da minha trajetória.

Meu pai sempre investiu muito em conhecimento para nós, somos três irmãos. Tínhamos várias enciclopédias, uma delas era *Mundo da Criança* e ali eu conheci autores e histórias, que hoje, ao ouvir ou reler, me trazem a memória de um tempo muito feliz.

Fiz o Ensino Médio, na época segundo grau, no colégio Maria Auxiliadora em Canoas com profissionalizante em Técnico em Enfermagem. Me formei em 1983. Trabalhei pouco tempo na enfermagem, no Hospital Nossa Senhora das Graças, pois logo surgiu oportunidade de trabalhar no Aeroporto Salgado Filho em uma agência de turismo.

No ano de 1989 realizei um sonho, ser Comissária de Bordo da Varig, maior empresa aérea brasileira na época. Fixei residência em São Paulo, que era minha base. De 1989 a 1995 eu casei, fui mãe e fiquei viúva. Com a extinção da Varig, voltei minhas forças novamente para a enfermagem. Fiz concurso para o Grupo Hospitalar Conceição, fui chamada em 2001 e trabalhei no Hospital Cristo Redentor. Mas a sede de conhecimento me levaria mais adiante. Ingressei na Unilasalle em 2002 no curso de Enfermagem. Em 2003 migrei para História e em 2005 migrei para Letras, que descobri nessa trajetória, ser a minha paixão. Me formei em Letras: Português/Literatura da Língua Portuguesa em 2019.

O projeto que apresento nasceu do meu interesse por biografias, e tive a chance de colocar em prática durante o curso de Letras no Estágio IV realizado na UNATI. Este Estágio prevê atividades em ambiente não formal de ensino, e a oficina, a partir de biografias de autores, é uma proposta que dialoga com o curso de Letras e com o meu propósito de atuação. Durante o estágio surgiu a oportunidade de apontar a importância da biografia para imersão pessoal e ressignificação de memória para os idosos. Foi estudando sobre memória que me interessei por memorizações. Muitas vezes achamos que estamos sozinhos no mundo e é escutando outros relatos que percebemos que outras pessoas também passaram e venceram as mesmas situações

de problemas. E se não venceram, descobriram uma maneira de ir adiante e resolver os obstáculos. E isso pode passar pela história de vida de autores e autoras consagrados, de quem só conhecemos obras e alguns fatos da vida. Os workshops são focados na vida dos autores, usando a história de vida de cada um deles e moldando suas experiências às experiências dos alunos, destacando frases e trajetórias de vida dos autores. Ao final do Mestrado, o produto final é um livro com oficinas para grupos de Terceira Idade.

3 OS PROCESSOS DA MEMÓRIA, RELAÇÃO E CONSIDERAÇÕES COM LITERATURA E HISTÓRIA

Halbwachs (2003) foi quem criou o termo “memória coletiva”, este conceito postula que as recordações não podem ser efetivamente analisadas se não forem levados em consideração os contextos sociais em que essas recordações estão inseridas, para reconstrução da memória. Com Halbwachs, a memória deixa de ser apenas individual, pois, a partir de seus estudos, as memórias de uma pessoa não são unicamente dela, porque nenhuma lembrança pode existir, senão, a partir de um grupo social. Para o autor, o indivíduo que lembra está inserido na sociedade a que pertence, a memória é, portanto, construída em grupo, sendo que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (HALBWACHS, 2003, p. 26), mas o trabalho do indivíduo nas recordações é imprescindível, posto que as “lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós”. (HALBWACHS, 2013, p. 30). A partir desta análise, a lembrança passa a ser um processo coletivo, isso acontece porque o indivíduo está inserido em um determinado grupo social.

A memória é a guardiã daquilo que aprendemos e isso inclui literatura e história. Assim, avaliaremos os conceitos de vários tipos de memória: memória individual e memória coletiva e memória histórica. Para Halbwachs (2003) e Braga (2000), a memória nos dá a capacidade de reter fatos e experiências e com isso, transmiti-los a novas gerações através da voz, música, imagens, textos, objetos.

O tema “memória” tem sido muito discutido ultimamente. Em todo o mundo, grupos se apropriam de suas memórias para contar suas histórias e reivindicar direitos. Fala-se em memória do trabalhador, memória da mulher, memória do negro. Possuem memória as cidades, os bairros, as famílias e os países, como o Brasil. Para “guardar” essas memórias existem as bibliotecas, os arquivos, os museus, as coleções literárias. A moda também possui memória e para guardá-la temos revistas, magazines e os museus de moda.

Analisaremos, a partir dos teóricos já mencionados, o que é literatura e o que é história, como nossa memória se relaciona com elas e também sobre a memória coletiva de uma dada sociedade e memória histórica. Memória é a capacidade humana de reter fatos e experiências e transmiti-los a novas gerações através da voz,

música, imagens, textos... Vamos analisar a relação entre memória e literatura e memória e história. Quando recordamos um fato histórico, recordamos também fatos do nosso passado. Pretendemos deixar registrada a importância do trabalho com a literatura (enquanto linguagem) como prática discursiva e explorar as relações entre memória, literatura e história. Literatura e história nos fazem perceber o quanto podemos trabalhar essa relação com memória, porque nos dá possibilidade de ler, narrar e relembrar. Assmann (2011, p. 31) refere-se à memória como pertencente a muitas áreas “Assim como muitos caminhos levam a Roma, também muitos caminhos levam à memória: caminhos teológicos, filosóficos, médicos, psicológicos, históricos, sociológicos, caminhos ligados à literatura, arte, mídia.”

Joseph Ledoux relata que estudos atuais mostram que nós possuímos dois tipos de memória, um deles é o da formação de lembranças de experiências e da disponibilização destas para lembrança posterior, o outro é responsável pelo controle do nosso comportamento: “A recordação consciente é o tipo de memória a que nos referimos quando usamos o termo memória nas conversas do dia a dia: lembrar é ter consciência de alguma experiência passada.” (LEDOUX, 2001, p.166).

A relação entre literatura e história começa pela necessidade de dar ao texto literário um contexto histórico e dar ao texto histórico um aspecto estético. Por isso, é interessante, para o historiador, ler literatura e para o escritor literário, estudar a história para preservar o contexto.

Para Borges (2010, p. 94), é interessante relatar as reflexões acerca da relação entre a “história, como processo social e como disciplina, e a literatura, como uma forma de expressão artística da sociedade possuidora de historicidade e como fonte documental para a produção do conhecimento histórico”. História como conhecimento é uma representação do passado, assim como toda fonte de documentos para reproduzi-la também é, assim, torna-se importante apresentar algumas relações estabelecidas entre a história e a literatura e certas teorias e metodologias sobre as possibilidades de emprego das fontes literárias na pesquisa histórica e da pesquisa histórica nas obras literárias.

As narrativas, quer sejam históricas ou literárias, constroem uma representação acerca da realidade, por isso, segundo Borges (2010, p. 95), procura-se compreender a produção e a recepção dos textos, entendendo que a escrita, a linguagem e a leitura são indivisíveis e estão contidas no texto. O autor compreende a escrita, a linguagem e a leitura na produção de textos indivisíveis e estão neles contidas. Assim, há uma

tríade a considerar na elaboração do conhecimento histórico, composta pela escrita, texto e leitura. No que se refere à instância da escrita ou da produção do texto, o historiador volta-se para saber sobre quem fala, de onde fala e que linguagem usa. E para o escritor, contextualizar o texto com o qual trabalha é indispensável para explicar o lugar em que foi produzido, o estilo, a linguagem, a sociedade que envolve e penetra o escritor e o texto; a época, a sociedade, o ambiente social e cultural. (BORGES, 2010).

Manter a contextualização das histórias é importante para que quando forem lidas, sejam mantidas as mesmas características. Contar histórias é um hábito muito antigo, tão antigo quanto a humanidade: desde narrar as façanhas de geração em geração, pela história oral, até que se tornassem lendas para fornecer respostas e ser incentivo para quem dessas histórias se beneficiasse. A literatura satisfaz uma necessidade espiritual ou psicológica e abre a mente de leitores para o mundo e uma extraordinária variedade de culturas. Há trabalhos escritos há milhares de anos, que continuam encantando e entretendo nossas vidas. Cada vez que os lemos, parece que acabaram de ser escritos, como em uma das definições de literatura em que a define por ser “qualquer coisa escrita”, essa palavra tem sido associada mais a livros, obras que contam histórias que nos encantam. (CANTON, MENDDDROT, 2018, p. 12).

Umberto Eco diz que literatura é um complexo de textos que a humanidade produz, não para fins práticos, como manter registros e fórmulas científicas, mas por amor a si mesma e que se lê por deleite.

A literatura mantém um exercício, antes de tudo, a língua como patrimônio coletivo. A língua por definição, vai aonde ela quer, nenhum decreto do alto, nem por parte da política, nem por decreto da academia pode barrar o seu caminho ou fazê-la desviar-se para situações que se pretendam ótimas. “A literatura, contribuindo para formar a língua, cria identidade e comunidade.” (ECO, 2011, p. 10-11).

Eagleton (2006) levanta uma questão bastante difícil de executar, mas muito importante; para ele, definir Literatura é tarefa difícil, pois isso deve abranger diversos aspectos, como tempos diferentes, e os contextos das narrativas, sobretudo porque um texto pode ser considerado literário numa época, e deixar de ser em outra época. A literatura pode parecer que está descrevendo o mundo e por vezes, realmente o descreve, mas sua função real é desempenhativa: ela usa linguagem para provocar certos efeitos no leitor.

De acordo com Braga (2020), a memória e a literatura sempre se encontram, na poesia épica, no romance, no conto, na crônica, na carta, na (auto)biografia, marcando especificidades nos gêneros e os estilos literários, no trabalho de escrever, no trabalho de ler; no de editar, traduzir; nos vários modos de produção e circulação da obra literária.

A palavra história vem do grego e significa investigação, informação. Os homens desde cedo sentem necessidade de explicar a própria origem. A primeira forma de história que surge é o mito, que é uma história com personagens fictícios.

De acordo com Hobsbawm (1997), todo ser humano tem consciência do passado (definido como o período imediatamente anterior aos eventos registrados na memória do indivíduo). Todas as sociedades têm um passado, pois mesmo as colônias mais inovadoras são povoadas por pessoas oriundas de uma sociedade que já conta com uma longa história. O passado é, portanto, uma condição permanente da consciência do ser humano.

Mas o que vamos considerar aqui é a definição que Aleida Assmann (2011, p. 69) faz sobre história: “história’ não significa aqui o que normalmente compreendemos, ou seja, o estudo acadêmico do passado sob a divisão de trabalho em disciplinas específicas, mas sim uma consciência coletiva que se manteve viva ou foi revivificada, um ‘passado recordado”.

História é uma palavra de origem grega e o significado é traduzido por procurar, investigar.

A palavra ‘história’ (em todas as línguas românicas e em inglês) vem do grego antigo *historie*. Do sânscrito *vettas*, ‘testemunha’, e o grego *histor*, testemunha no sentido de ‘aquele que vê’. Esta concepção da visão como fonte essencial de conhecimento leva-nos à ideia de que *histor*, aquele que vê, é também ‘aquele que sabe.’ (LE GOFF, 2003, p. 18).

O autor nos apresenta conceitos diferentes de História, de acordo com as línguas românicas: a História como uma procura das ações realizadas pelo homem; a História como “o que os homens realizaram” sendo o tema central ou objeto de procura; e a História como uma narração, verdadeira ou falsa, fundamentada na “realidade histórica” ou no imaginário.

Mas a história, segundo Le Goff (2003, 2003, p. 18), pode ainda ter um terceiro sentido, o de narração. Uma história é uma narração, verdadeira ou falsa, com base na “realidade histórica” ou puramente imaginária.

Le Goff alerta para um jogo de poder para manipular a memória coletiva, ela pode ser manipulada pelos grupos que almejam se eternizar no poder através dos momentos históricos.

Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da História são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva. (LE GOFF, 2003, p. 422).

Pesavento (2004) articula que o passado só chega ao historiador por meio de representações e isso faz da História também uma representação do passado. Pode-se dizer que a proposta da História Cultural seria decifrar a realidade do passado por meio das suas atuações, almejando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressam a si próprios e o mundo. Assim, é indubitável que este é um processo complexo, pois o historiador vai tentar a leitura dos códigos de um outro tempo, que, por vezes, pode se mostrar incompreensíveis para ele, dados os filtros que o passado interpõe. Este é o grande desafio da história cultural. (PESAVENTO, 2004, p. 42).

A História Cultural se torna, assim, uma representação que resgata representações, que se incumbe de construir uma representação sobre o já representado. [...] O imaginário é histórico e datado, ou seja, em cada época os homens constroem representações para dar sentido ao real. (PESAVENTO, 2004, p. 43).

3.1 MEMÓRIA E LITERATURA

Quando falamos em literatura, nosso cérebro já começa a lembrar de alguns contos, histórias, livros. Alguns nós podemos ter lido, outros nós escutamos dos pais, avós, professores.... Como já referido, tudo que aprendemos, entra pelo córtex, logo em seguida é processado e passado para a memória de curta e de longa duração. Por isso, quando ouvimos alguém contar um desses textos, nossa memória recorda a história, a época em que ouvimos e as pessoas que contavam. Lembramos de velhos amigos, de fatos passados, de problemas vencidos, da família.... E com aquelas histórias vêm a necessidade de contar as nossas histórias:

Das múltiplas possibilidades de pensar memória e literatura, destacamos as relações entre lembrar e narrar. Recordamos os velhos índios à beira das fogueiras; o astucioso Ulisses que tarda o regresso para ter o que contar; Schéhérazade com seus fios de enredo, tramas de desejo; as histórias tecidas e retecidas ou desfeitas, de boca em boca, ouvido em ouvido; os casos de família, de velhos, de fatos passados, que brotam como avencas nas paredes que se vão demolindo; a nossa necessidade de contar os últimos acontecimentos, os (des)prazeres do dia-a-dia... Dos pedaços de memória que vão ficando ou se perdendo: palavras. Esses fragmentos e os próprios sujeitos vão se constituindo, nas práticas sociais, na teia do discurso. (BRAGA, 2000, p. 85).

Ao longo dos anos, essas memórias vão se perdendo ou permanecendo conosco, dependendo de como esses fragmentos e as próprias pessoas vão se relacionando com a nossa memória, nas práticas sociais, na teia do discurso. Conforme nos relata Braga (2000), Bartlett, fazendo estudos experimentais sobre a memória durante as décadas de 1920 e 1930, usou algumas dessas histórias nas suas pesquisas. Para testar a relação entre recordação e percepção, imaginação e pensamento, e as condições sociais que marcavam esses processos, ele escolheu um conto popular norte-americano para ser recordado por pessoas, na maioria ingleses com grau de instrução elevado, e com classes socioculturais diferentes da narrada. As reconstituições da história apresentaram bastantes alterações, (diminuições, omissões, importações etc.) que foram relacionadas pelo pesquisador ao profundo processo de reconstrução que caracteriza a recordação. Um dos aspectos destacados foi a dificuldade de compreender os elementos sobrenaturais, porque o autor interpretou que carecia de uma ordem racional conforme os padrões de seu grupo. Pois essas lembranças também são relacionadas a aspectos sociais, como a formação e a profissão. Então, com base nessa experiência, o adágio popular – “Quem conta um conto, aumenta um ponto” poderia ser modificado. Não só aumenta um ponto; mas às vezes omite, modifica, simplifica, inventa. Quem lembra, conta uma história um pouco diferente.

Então, os estudos sobre memória começaram a ser vistos como um processo relacionado à natureza social do homem, às práticas dos grupos e à linguagem. Dentre esses estudiosos está Halbwachs (2003) que, trabalhando as ideias de Durkheim sobre a determinação social do conhecimento humano, elaborou a teoria sobre os quadros sociais da memória, que implica o homem como ser social. Para o autor, a memória individual é uma nuance, um ponto de vista da memória coletiva. A memória individual alimenta-se da memória coletiva e a memória autobiográfica insere-se na memória histórica. O ato de lembrar não é autônomo, mas agregado ao

movimento interpessoal como a família, a classe social, a escola, a profissão, a religião, o partido político etc. – a que o indivíduo pertence.

Nesse padrão, nossas lembranças se expressam a partir do nosso contato com o grupo social, incluindo-se aí, a família, (mesmo que estejamos sós). Lembramos e esquecemos através da nossa convivência com membros de grupos e lugares que passamos. Assim, Halbwachs (2003) relaciona a memória à convivência em um grupo social, em uma comunidade afetiva, de forma que, quando nos lembramos, deslocamo-nos de um grupo a outro, em pensamento. Acerca desse caráter social, entendemos o quanto a memória do indivíduo depende do grupo que estamos inseridos, das palavras de outras pessoas, das histórias lidas e contadas, das obras de arte, não só pelo contexto em que estão inseridas, mas por pertencerem à história. A memória, para Halbwachs, depende da linguagem e dos significados que adquirem socialmente. Vivendo em sociedade, usamos palavras, cujo sentido é a condição do pensamento coletivo. O significado de cada palavra se faz acompanhar de lembranças; e não há lembranças sem que correspondam a palavras. Nossas lembranças nos vêm à mente antes de pronunciá-las, isso é linguagem, e tem um sistema de convenções sociais solidário a ela, que nos permite recordar o passado cada vez que dele fazemos uso. Esse processo de construção de uma história precisa que a memória desenvolva uma estrutura narrativa.

Sobre o ato de lembrar e de narrar, Bosi (1994), em *Memória de velhos*, escuta a narração de lembranças e percebe o quanto essas lembranças refletem as vozes dos grupos sociais em que estão inseridas e como constituem uma memória histórica. Nesse estudo sobre memórias de velhos, o material são narrativas de histórias de vida e isso permite que ela reflita sobre aspectos da memória, como: a divisão social do tempo; a força do afeto e o significado dos espaços (como a casa da infância) e das lembranças da família; as marcas dos fatos públicos, da situação concreta dos sujeitos (classe, profissão, partido etc.) na memória política; a memória do trabalho que penetra todas as demais lembranças (desde a lida do pai e da mãe até a comparação do tempo da “*vita activa*” com o da aposentadoria). Ela reflete sobre a narração de lembranças como uma função social do velho na sociedade e sobre o seu decaimento nos dias atuais.

No ato de narrar, os fatos passados matizam-se, o sujeito se dobra sobre a própria vida. Somos levados a pensar em como, pela narração de nossas lembranças, vamos nos tornando sujeitos e nos inscrevendo na história. Lembrar é narrar. Narrar é lembrar. Ao mesmo tempo em que narra, o narrador se dobra sobre o ato de recordar. Fala de como as recordações são ativas, desdobrando-se até o infinito. Compara as recordações aos sonhos, indefiníveis, voláteis, imprecisos; à morte, única, solitária. Ele pensa também no esquecimento e no desejo. E na necessidade do esquecimento para a sobrevivência do sujeito. É importante dizer, ele duvida da própria memória. (BRAGA, 2000, p. 12).

Nicolau Sevcenko (1999) na obra *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República* expõe a Belle Époque, fazendo uma análise da sociedade através da literatura. É importante ressaltar que a literatura é refém de uma época, um contexto próprio, com anseios de mudança da realidade de uma época. Uma obra literária é, portanto, uma criação, uma ficção, mas firmada em um mundo real. Um registro de uma época, que mostra os anseios de mudança. A literatura torna-se, também, fonte de estudo para os historiadores.

O estudo da literatura conduzido no interior de uma pesquisa historiográfica, todavia, preenche-se de significados muito peculiares. [...] Deve traduzir no seu âmago mais um anseio de mudança do que os mecanismos de permanência. Sendo um produto do desejo, seu compromisso é maior com a fantasia do que com a realidade. Preocupa-se com aquilo que poderia ou deveria ser a ordem das coisas, mais do que com seu estado real. [...] A literatura, portanto, fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram. Ela é o testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos. (SEVCENKO, 1999, p. 20-21).

Sevcenko (1999) argumenta que a literatura permite uma análise do passado, através da narrativa dos escritores e personagens. O autor centraliza a análise nas obras de Euclides da Cunha e Lima Barreto. Sevcenko demonstra assim que é possível conhecer a história simultaneamente através da literatura. A literatura também é um meio de criticar a sociedade.

Assistia-se à transformação do espaço público, do modo de vida e da mentalidade carioca, segundo padrões totalmente originais; e não havia que pudesse se opor a ela. Quatro princípios fundamentais regeram o transcurso dessa metamorfose [...]: a condenação dos hábitos e costumes ligados à sociedade tradicional; a negação de todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante; uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade, que será praticamente isolada para o desfrute exclusivo das camadas aburguesadas; e um cosmopolitismo agressivo, profundamente identificado com a vida parisiense. (SEVCENKO, 1999, p. 31).

Para Pesavento (2004), a historiografia se constrói usando textos, documentos. A literatura é construída pelo desejo do escritor. A literatura ocupa a função de traço que se transforma em documento e que passa a responder as questões formuladas pelo historiador.

Literatura é uma fonte realmente especial: ela pode dar ao historiador aquele algo a mais que outras fontes não fornecerão. A literatura permite acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos. [...] Ela representa o real, ela é fonte privilegiada para leitura do imaginário. (PESAVENTO, 2004, p. 82)

3.2 MEMÓRIA E HISTÓRIA

É importante para nós conjugarmos memória, literatura e história, porque na literatura temos a história dos autores e contextos da época que marcam a vida e a obra dos autores, bem como, os cenários em que ocorrem as narrativas. Como já vimos no item 3.1, segundo Halbwachs (2003), a memória individual existe a partir de uma memória coletiva. A origem de várias ideias, reflexões, sentimentos, paixões que atribuímos a nós, na verdade, surgem do grupo ao qual pertencemos. A memória individual é ligada a uma intuição sensível, pois existe na base de toda lembrança o chamado a um estado de consciência puramente individual, distinguindo-se das percepções nas quais entram elementos do pensamento social.

Para Halbwachs (2003), nós podemos criar representações do passado com base na percepção de outras pessoas, naquilo que imaginamos que aconteceu ou internalizando representações de uma memória histórica. A lembrança é uma reconstrução do passado que é feita com a ajuda de dados emprestados do presente. Além disso, a lembrança também é preparada por outras reconstruções praticadas em épocas anteriores, uma vez que a imagem de outrora já surgiu bem alterada. Isso nos permite registrar nossa experiência em quadros coletivos de memória, nos quais compartilhamos com membros de um grupo social que estamos inseridos e nos eventos que vivemos. “Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade.” (HALBWHACHS, 2003, p. 72).

O parágrafo anterior explica o quanto a memória individual é importante para a construção da memória coletiva/social, uma vez que as lembranças são produzidas na convivência de um grupo e têm a linguagem como seu meio de socialização. As memórias são muito importantes para nós, uma vez que, através delas constituímos nossas identidades. Como prova disso podemos ver a alegria dos idosos quando lhes damos a oportunidade para que contem suas histórias/memórias, haja vista o brilho nos olhos e a emoção ao relatar essas histórias. Se possível fosse, ficaríamos o dia inteiro contando suas memórias.

Mais uma vez, baseados em Halbwachs (2003), podemos dizer que nós temos uma memória individual, mas ela está inserida num contexto social, porque vivemos em uma sociedade e é esse contexto que forma nossas lembranças. Para o autor, história não é uma sucessão cronológica de acontecimentos, “mas tudo o que faz com que um período se distinga dos outros, do qual os livros e as narrativas em geral nos apresentam apenas um quadro muito esquemático e incompleto”. (HALBWACHS, 2003, p. 79).

Ao analisarmos as recordações de lembranças, temos que levar em consideração os contextos socioafetivos em que as pessoas estão inseridas. A lembrança individual é gerada pela convivência dos indivíduos com as outras pessoas nos grupos sociais. Portanto a lembrança individual é baseada nas lembranças dos grupos nos quais esses indivíduos estão inseridos, família, escola, igreja, trabalho. Então, nós possuímos dois tipos de memória, a individual e a coletiva. Para Halbwachs (2003), a memória é construída em grupo e a memória individual é um ponto de vista da memória coletiva. Mas será que as recordações de uma pessoa podem dar ressignificado às memórias de outras? A lembrança tal como se dispõe, faz-nos ver que a memória é também uma arte da narração que envolve a identidade do sujeito. (CANDAU, 2013).

A memória, Segundo Bosi (2003), é formada e se mantém com as recordações que fazem parte da biografia. É uma construção de experiências:

Dentro da biografia há alguns momentos privilegiados: o nascimento, as crises da juventude, a formatura, o casamento, a chegada ou a perda de pessoas amadas... E há espaços privilegiados: a casa da infância, os trajetos do bairro, recantos da cidade, lugares inseparáveis dos eventos que neles ocorreram. “A cidade possui alguns focos sugestivos que aparam nossa identidade, percepção e memória”. (BOSI, 2003, p. 114).

Halbwachs salienta que a memória histórica produz imagens do processo histórico e difere da memória coletiva. A memória histórica procura responder os acontecimentos do presente, ao olhar para o passado. Uma das características da história é a descontinuidade, pois cada fato encontra-se “separado do que o precede ou o segue por um intervalo, em que se pode até acreditar que nada aconteceu” (HALBWACHS, 2003, p. 109), e este é um dos fatores que diferencia a memória coletiva da memória histórica.

A memória coletiva se distingue da histórica em pelo menos dois aspectos. O primeiro é que a memória se constitui em uma corrente de pensamento contínuo, e nunca ultrapassa os limites do grupo, já a história está sempre renovando. E o segundo aspecto é que existem muitas memórias coletivas, mas “A história é uma, e pode-se dizer que só existe uma história.” (HALBWACHS, 2003, p. 105).

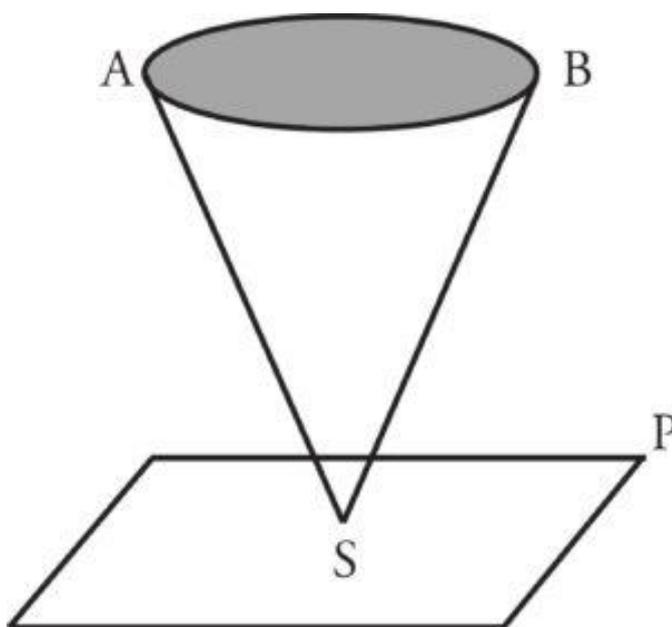
Para Halbwachs (2003), sobre a memória Coletiva, há relação entre sociedade e memória. Para ele, a memória tem um fundo social, coletivo. Ninguém pode lembrar de algo fora do contexto social a que pertencemos, pois: “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos.” (HALBWACHS, 2003, p. 30). A evocação de recordações é sempre feita recorrendo aos outros, seja a família, ou demais grupos. “A memória coletiva contém as memórias individuais, mas não se confunde com elas.” (HALBWACHS, 2003, p. 72). O trabalho com os textos biográficos proporciona essa evocação de recordações e através do compartilhamento dessas evocações, as ressignificações. “O uso da memória nas narrativas de vida ou autobiografias coloca em evidência a aptidão de dominar o próprio passado. O narrador parece colocar em ordem e torna coerentes os acontecimentos de sua vida.” (CANDAUI, 2013, p. 71).

A memória passa a ser elemento fundamental para dar significado e/ou novos significados a fatos vivenciados, eles trazem noção de existência e de sequência de momentos, dando sentido e realidade ao viver: “Começa-se a atribuir à memória uma função decisiva na existência, já que ela permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no curso atual das representações”. (BOSI, 2003, p. 36). Esse entrelaçamento temporal faz com que o passado não seja esquecido porque ele adquire sentido se for rememorado e fizer relação com o presente. Essa junção faz com que tenha força situações antes não valorizadas:

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes misturando com as percepções imediatas, como também, 'decola' essas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 2003, p. 36).

Para tornar mais evidente a diferença entre os espaços profundo e cumulativo da memória, Bergson fez uma representação através de um cone invertido, como apresentado na Figura 1:

Figura 1 – Cone invertido de Bergson.



Fonte: Bergson (1999, p. 170).

O "P" é o presente. As linhas ASB que formam o cone, representa o nosso passado. A ponta do cone, o "S", é a intercessão entre passado e presente que toca o presente.

O nosso presente está em constante contato com o passado, o que nós vivemos continua existindo na nossa memória. Agora vamos imaginar um cone da maneira como ele é idealizado acima. Nele estão nossas lembranças, tudo o que vivenciamos até hoje e todas as nossas experiências. Desde a infância, família, amigos, casamento, filhos... Toda a nossa vida está ali à nossa disposição, basta uma palavra de conexão entre "S" e "P" para que as imagens da nossa memória se tornem disponíveis no presente.

Mas, por outro lado, os aparelhos sensório-motores fornecem às lembranças impotentes, ou seja, inconscientes, o meio de se incorporarem, de se materializarem, enfim, de se tornarem presentes. Para que uma lembrança reapareça à consciência, é preciso com efeito que ela desça das alturas da memória pura até o ponto preciso onde se realiza a ação. Em outras palavras, é do presente que parte o apelo ao qual a lembrança responde, e é dos elementos sensório-motores da ação presente que a lembrança retira o calor que lhe confere vida. (BERGSON, 1999, p. 179).

3.3 HISTÓRIAS PESSOAIS E MEMÓRIAS

Contar histórias é um hábito muito antigo, tão antigo quanto a humanidade. Narrar as façanhas de geração em geração, até que se tornassem lendas forneceu respostas e serviu como incentivo para quem dessas histórias se beneficiasse. A literatura satisfaz uma necessidade espiritual ou psicológica e abre a mente de leitores para o mundo e uma extraordinária variedade de culturas. Devemos lembrar que o ser humano é um ser social, nós vivemos em sociedade, vivemos em grupo. A cultura é um produto dessa vida em sociedade, a cultura é fruto do convívio entre grupos sociais. O ser humano só se reconhece como indivíduo na relação com outros seres humanos com os mesmos direitos e deveres e a mesma capacidade. “Cultura é o processo prático e teórico em função do qual o homem produz o homem.” (GULLAR, 1989, p. 144).

Este processo em que Ferreira Gullar descreve cultura em um processo do homem produzido por ele mesmo, é um dos traços da cultura. É um círculo, o homem produz a cultura e a cultura produz o homem. A linguagem, a religião, a arte, o artesanato, a política, a economia, as crenças... fazem parte da cultura, o homem não se limita, ele transforma o mundo a sua volta constantemente. Transforma porque recria imprimindo a própria marca à cultura. O homem cria a cultura e é moldado por ela. “O trabalho é a fonte da cultura e o povo é o criador da cultura e o gerador da riqueza social e tanto a riqueza quanto a cultura estão na sociedade de classes desigualmente distribuídas. Por isso existe uma cultura de elite e uma cultura popular.” (GULLAR, 1989, p. 146). O contato com obras literárias de diferentes épocas tem uma ampla possibilidade de interpretação, histórica, ideológica, psicológica.... E todas essas interpretações são possíveis, e todos esses elementos são imprescindíveis para a compreensão de uma obra literária. Mas precisamos ver as influências e motivações dos escritores para não incorrer em interpretações erradas. A compreensão de uma obra literária nos faz avançar no conhecimento e cada questionamento nos traz mais conhecimento. Isso é um conhecimento a ser conquistado. Por isto em sala de aula muitas vezes há divergências na interpretação de algumas obras literárias: diferenças de classe social ou de cultura. É muito bom que essas histórias literárias façam parte do nosso cotidiano através de leituras, filmes, conversas e possa haver troca de informações para ressignificar a nossa memória e nosso imaginário.

Umberto Eco, filósofo, semiólogo e linguista italiano conhecido mundialmente, destaca que é por meio da leitura de algumas obras universais que muitas histórias são eternizadas no imaginário popular. No entanto, existe uma autenticidade literária, que está assinalada no texto original, e é o que o autor chama de verdade literal. Por isso, Eco defende a literatura como fonte de extrema importância para a memória cultural e para o crescimento do sujeito como pessoa: “A leitura das obras literárias nos obriga a um exercício de fidelidade e de respeito na liberdade da interpretação”. (ECO, 2011, p. 12). O autor entende a literatura como propulsora de possíveis interpretações, dando liberdade ao leitor, ao mesmo tempo em que condiciona o entendimento à leitura significativa, com evidências no texto para permitir intenções, significações e compreensões, ampliação de conhecimentos:

Os textos literários não somente dizem explicitamente aquilo que nunca poderemos colocar em dúvida, mas, à diferença do mundo, assinalam com soberana autoridade aquilo que neles deve ser assumido como relevante e aquilo que não podemos tomar como ponto de partida para interpretações livres. (ECO, 2011, p. 13).

Portanto, a leitura de um texto de literatura, inclui aqui a biografia, tem a capacidade de transformar a vida de uma pessoa, posto que a dota de conhecimento, inclusive de outras culturas.

Desta forma, podemos afirmar que a cultura é o espaço criado pelo ser humano para atuar em favor dos seus e também em favor de outros que pertencem a outra cultura. Não há uma cultura mais desenvolvida e outras subdesenvolvidas e sim culturas diferentes cujas expressões são legítimas, independente de qual for a cultura que estivermos analisando. Todas as culturas são dignas, pois são produtos das intenções e sensibilidades humanas.

Existe uma relação entre textos biográficos e nossas memórias? Em primeiro lugar, vamos analisar os conceitos de biografia, autobiografia e autoficção.

Biografia² é a história da vida de alguém. Para ser considerada uma biografia um texto precisa ter determinadas características:

- ⇒ Texto narrativo, em terceira pessoa e ordem cronológica de tempo.
- ⇒ Conjunto de informações sobre a vida de alguém com relatos marcantes sobre a vida.

² DIANA, Daniela. Biografia. **Revista online Toda Matéria.** Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/biografia/> Acesso em: 24 jun. 2021.

- ⇒ Uso de pronomes pessoais e possessivos e marcadores temporais (na infância, na adolescência, naquela época, etc.).
- ⇒ Predomínio de verbos no pretérito (perfeito e imperfeito).
- ⇒ Verossimilhança dos fatos narrados.

A palavra *biografia* é composta pelos termos de origem grega *bio* (vida) e *grafia* (escrita). Para a construção de uma biografia devemos, antes de mais nada, pesquisar sobre a vida da pessoa que vamos biografar. Coletar material é essencial para que o texto tenha mais propriedade e seja mais interessante para o leitor. Se for possível, se a pessoa ainda for viva, entrevistá-la, ou, na impossibilidade de fazê-lo, entrevistar membros da família, isso torna ainda mais verossímeis as informações relatadas no texto. É interessante incluir frases da própria pessoa, ou de quem fala sobre ela. Dados como data de nascimento e morte, principais contribuições, invenções, vida pessoal, casamento, filhos, etc., são informações essenciais e que devem constar em uma biografia. Acrescentar imagens torna ainda mais interessante o trabalho.

Após coletar todos os dados, deve-se escrever um texto que pode ter um título simples constando somente o nome da pessoa (por exemplo: Biografia de Clarice Lispector). Ou um título aprimorado incluindo uma característica marcante da pessoa biografada. Por exemplo: “*Clarice Lispector: a estrela da literarura*”³.

O poeta, filósofo e dramaturgo português, Fernando Pessoa, fez biografias imaginárias de alguns heterônimos dele:

Um dos heterônimos de Fernando Pessoa, Alberto Caeiro, disse em seus versos: “Se, depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia. Não há nada mais simples. Tem só duas datas - a da minha nascença e a da minha morte. Entre uma e outra cousa todos os dias são meus”. (SILVA, 2009, p. 152).

Nesta citação Fernando Pessoa descreve a dificuldade de escrever a história de uma pessoa. Uma biografia é a história de uma vida e esta história pertence somente à pessoa biografada. Como vimos acima, a pesquisa para a escrita de uma biografia é extensa e minuciosa.

³ DIANA, Daniela. Biografia. **Revista online Toda Matéria.** Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/biografia/> Acesso em: 25 jun. 2021.

Entendo como “biografismo” as práticas narrativas que envolvem a seleção, descrição e análise de uma trajetória individual a partir de diversos enfoques e metodologias que permitem sua incorporação através do romance histórico, das memórias pessoais (autobiografias e testemunhos), da literatura escolar e das biografias propriamente ditas. (SILVA, 2009, p. 152).

É mais comum que as pessoas relacionem biografias com pessoas famosas, pois a história de vida delas é de interesse geral e atrai a curiosidade e gera procura. Por isso, praticamente, só pessoas populares têm suas biografias publicadas. Entretanto a vida de cada um de nós pode gerar uma biografia e gerar curiosidade nas pessoas. “A existência de uma biografia é sintoma dessa curiosidade na qual diferentes espectadores e narradores se envolvem....” (SILVA, 2009, p. 153).

3.3.1 O porquê de escrever biografias

Benito Bisso Schmidt (2019), afirma que “escrevemos biografias para garantir a permanência na memória coletiva, fornecer exemplos e compreender os aspectos mais gerais da sociedade são alguns dos motivos que moveram e movem biógrafos e biógrafas.” (SHIMIDT, 2019, In: Café história).

Na visão de Schimidt, biografias são escritas para evitar o esquecimento, uma vez que somos mortais. Biógrafos escrevem a fim de que ações consideradas notáveis de seus personagens não sejam esquecidas, a fim de dar-lhes uma vida histórica além da biológica.

Nas últimas décadas, porém, no campo da historiografia, as biografias foram revalorizadas por motivos diversos. Para alguns(mas), é importante escrever narrativas biográficas a fim de se compreender questões mais gerais [...] Para outros(as), trata-se justamente do contrário: o valor da escrita de biografias residiria na singularidade dos indivíduos enfocados [...] Outro motivo interessante é aquele que postula que, através das biografias, seria possível identificar as margens de liberdade dos sujeitos individuais, mesmo diante de sistemas opressivos e normativos poderosos. [...] e não podemos esquecer uma das mais importantes: o prazer que elas proporcionam a quem as escreve e a quem as lê, a sensação de intimidade com o biografado que as boas biografias transmitem, a ideia de que a história não acontece em abstrato, mas encarnada em mulheres e homens reais. (SHIMIDT, 2019, In: Café história).

Schimidt (1996) afirma que há um resgate do gênero biográfico pelos historiadores, a partir da década de 1980, relaciona-se tanto com o contexto social da disciplina, quanto com sua transformação teórica.

Em termos contextuais, deve-se considerar que a massificação da sociedade contemporânea tem como contrapartida a procura da identidade individual, ou seja, os homens voltam-se ao passado em busca de referências para sua conduta no presente. Além disso, a crise atual do espaço público – de participação política e social – faz com que as pessoas se interessem por vasculhar minuciosamente a vida privada dos outros, sobretudo dos personagens destacados, o que talvez explique o grande sucesso editorial das biografias. (SCHIMIDT, 1996, p. 171).

Schimidt (1996) ainda ressalta que, no círculo acadêmico salienta-se a aproximação da história com a antropologia, no qual o resgate das histórias de vida já é uma praxe juntamente com a literatura preocupada com a construção de personagens. E aponta o retorno da biografia como uma tendência internacional e perceptível em diversas correntes historiográficas.

Bourdieu (2006), argumenta que a vida de uma pessoa não pode ser narrada linearmente, sem considerar os diferentes agentes que a cruzam. A alegação de Bourdieu em *Ilusão Biográfica* é que uma história de vida é ficção, pois os acontecimentos pesquisados e escolhidos, pelo narrador, como os mais significativos na história daquela vida, no caso, o biografado, são elegidos anos depois do acontecido.

Como instituição, o nome próprio é arrancado do tempo e do espaço e das variações segundo os lugares e os momentos: assim ele assegura aos indivíduos designados, para além de todas as mudanças e todas as flutuações biológicas e sociais, a constância nominal, a identidade no sentido de identidade consigo mesmo de *constantia sibi*, que a ordem social demanda. (BOURDIEU, 2006, p. 187).

Portanto, interpretado em outro contexto, temos, então, uma ilusão biográfica. “Falar de história de vida é pelo menos pressupor – e isso não é pouco – [...] Uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história.” (BOURDIEU, 2006, p. 183).

Essa vida organizada como uma história transcorre, segundo uma ordem cronológica que também é uma ordem lógica, desde um começo, uma origem, no duplo sentido de ponto de partida, de início, mas também de princípio, de razão de ser, de causa primeira, até seu término, que também é um objetivo. (BOURDIEU, 2006, p. 184).

Para que possamos compreender a trajetória de uma vida, seria preciso ter vivido no mesmo lugar, no mesmo tempo que o biografado, conhecer as mesmas pessoas, ter as mesmas experiências...

O sujeito e o objeto da biografia (o investigador e o investigado) têm de certa forma o mesmo interesse em aceitar o postulado do sentido da existência narrada (e, implicitamente, de qualquer existência). Sem dúvida, cabe supor que o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário. (BOURDIEU, 2006, p. 184).

Bourdieu faz alusão a uma especulação por parte da sociedade e os dados biográficos seguem essa predileção. Interessa à sociedade uma biografia que seja representativa, que sirva como motivo de status ou de posição na carreira profissional. Ter uma biografia publicada significa uma vida que vale ser escrita, contada e divulgada:

Os acontecimentos biográficos se definem como colocações e deslocamentos no espaço social, isto é, mais precisamente nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado. O sentido dos movimentos que conduzem de uma posição a outra (de um posto profissional a outro, de uma editora a outra, de uma diocese a outra etc.) evidentemente se define na relação objetiva entre o sentido e o valor, no momento considerado, dessas posições num espaço orientado. (BOURDIEU, 2006, p. 190).

Bosi (2003) também discorre a respeito dessa realidade; ela mostra a diferença de culturas: popular e a erudita. Mostra que existe um estereótipo criado como referencial, ou seja, existe só uma cultura que é aceita socialmente, e esta exclui a cultura dos pobres. “É o gesso do estereótipo que perpetua lembranças enquanto as imobiliza e resume.” (BOSI, 2003, p. 113). E essa classe que se julga detentora do saber, não permite a cultura popular como expressão de conhecimento. As pessoas procuram opiniões afins e não valorizam o que não contempla a própria opinião. Com isso as culturas permanecem distantes.

As motivações que estão por trás da opinião (aplausos do grupo, segurança, repouso no estereótipo) são diferentes das que estão por trás da verdade. Não se trata de procurar uma simples congruência interna de fatos. Deve-se confrontar cada asserção com a experiência e voltar para as coisas (BOSI, 2003, p. 123).

A formação de estereótipo forma barreiras e produz discriminação. Temos que começar a aceitar as diferentes culturas e valorizar as opiniões.

Nem sempre estamos dispostos à aventura da percepção, somos insensíveis e desatentos às coisas que povoam o nosso mundo e, por isso, sofremos de uma perda, de um empobrecimento, que nos faz capitular e enxergar através de mediações impostas. (BOSI, 2003, p. 115).

Fazemos parte de classes que nos foram impostas e que aceitamos para não nos sentirmos inferiores. A imposição social também se apropria das nossas lembranças. A memória é povoada pelos estereótipos. “O estereótipo nos é transmitido com tal força e autoridade que pode parecer um fato biológico”. (BOSI, 2003, p. 117). Por isso, o testemunho oral nem sempre é o mais real que a versão da história.

Seguindo a mesma linha Levi (2006) adverte:

Num período de crise dos paradigmas e de questionamento construtivo dos modelos interpretativos aplicados ao mundo social, o recente entusiasmo dos historiadores pela biografia e a autobiografia merece algumas observações. [...] A meu ver, a maioria das questões metodológicas da historiografia contemporânea, diz respeito à biografia, sobretudo as relações com as ciências sociais. [...] A biografia constitui na verdade o canal privilegiado através dos quais os questionamentos e as técnicas peculiares da literatura se transmitem à historiografia. (LEVI, 2006, p. 168).

Giovanni Levi ainda questiona: “Pode-se escrever a vida de um indivíduo? Essa questão, que levanta pontos importantes para a historiografia, geralmente se esvazia em meio a certas simplificações que tomam como pretextos a falta de fontes”. (LEVI, 2006, p. 169).

Levi declara que tem como intuito mostrar que esta não é a única e nem mesmo a principal dificuldade. Em muitos casos, as maiores distorções se devem ao fato de que os historiadores acreditam que os atores históricos obedecem a um modelo de racionalidade anacrônico e limitado. E ainda concorda com Bourdieu:

Nesse sentido Pierre Bourdieu falou acertadamente de “ilusão biográfica”, considerando que era indispensável reconstruir o contexto, a “superfície social” em que age o indivíduo, numa pluralidade de campos, a cada instante. Porém a dúvida com a própria possibilidade da biografia é um fator recorrente. (LEVI, 2006, p. 169).

Levi (2006, p. 173) ressalta que no século XX, ligada ao advento de novos paradigmas, surgem novas regras em todos os campos científicos: crise da concepção mecanicista na física, surgimento da psicanálise, novas tendências na literatura. Nesse novo contexto, é essencial conhecer o ponto de vista do observador: a existência de outra pessoa em nós mesmos sob a forma de um inconsciente, levanta o problema da relação entre a descrição tradicional e a ilusão de uma identidade específica.

Levando-se em conta a relação entre autor e personagem, remete aos desdobramentos dos pontos de vista.

Chegou-se a um meio termo na biografia moral, que na verdade renunciava à exaustividade e à veracidade individuais para buscar um tom mais didático, acrescentando, às vezes, paixões e emoções ao conteúdo tradicional das biografias exemplares, a saber, os feitos e as atitudes do protagonista. A bem dizer, essa simplificação supõe uma certa confiança na capacidade da biografia para descrever o que é significativo em uma vida. (LEVI, 2006, p. 172).

De uns anos para cá, segundo Levi (2006), os historiadores têm se mostrado cada vez mais conscientes desses problemas. Todavia, as fontes de que dispõem não informam acerca dos processos das tomadas de decisões, mas apenas dos resultados. Fascinados com as trajetórias individuais, mas incapazes de dominar a singularidade irreduzível de um sujeito, os historiadores passaram a abordar o problema das biografias de maneiras diversas.

Pollack em *A gestão do indizível* argumenta que relatos de vida são considerados como uma possibilidade de reconstrução de identidade e não somente como um relato factual.

Eles também demonstraram que histórias e memórias devem ser relacionadas aos locais onde elas foram produzidas, assim como aos públicos aos quais elas destinam. Tal análise do relato de vida deve ser considerada como uma reconstrução da identidade e não apenas como uma narrativa factual. (POLLAK, 2010, p. 9).

Os relatos refletem, assim, a constituição de uma identidade social. “Essas duas características de todos os relatos de vida sugerem que eles devem ser considerados como instrumentos de reconstrução da identidade e não somente como relatos factuais. Por definição, reconstrução a posteriori, o relato de vida ordena os eventos que demarcaram uma vida; além disso, recontando nossa vida, nós tentamos geralmente estabelecer certa coerência por meio de ligações.” (POLLAK, 2010, p. 45).

3.3.2 Alguns casos Polêmicos de Biografias não autorizadas

A proibição de Biografias⁴ não autorizadas envolve os artigos 20 e 21 do Código Civil. A lei, vigente desde 2002, impede a veiculação de informações pessoais de biografados em situações que “lhe atingirem a honra, a boa fama ou a respeitabilidade”.

Roberto Carlos

O livro Roberto Carlos em Detalhes, do jornalista e historiador Paulo César de Araújo tornou-se o caso mais emblemático da polêmica das biografias não autorizadas. Lançada em 2006, a obra foi recolhida das livrarias depois que o cantor

⁴ Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06/150609_biografias_polemicas_lgb
Acesso em: 25 Jan. 2022.

recorreu à Justiça alegando invasão de privacidade. Até a determinação judicial, cerca de 30 mil exemplares já haviam sido vendidos.

Garrincha

A biografia não autorizada do ex-jogador Garrincha, morto em 1983, também foi alvo de briga judicial. As filhas do atleta processaram a editora que publicou a obra por “violação do direito de imagem, do nome, da intimidade, da vida privada e da honra paterna.”

Lampião

Na obra, o autor afirmava que Virgulino Ferreira da Silva, vulgo “Lampião”, era homossexual e Maria Bonita, sua esposa, adúltera. Segundo Moraes, os dois teriam até dividido o mesmo namorado. Os herdeiros do cangaceiro entraram na Justiça, que proibiu o lançamento do livro e multou o autor. Porém, em 2014, a 2ª Câmara Cível do Tribunal de Justiça de Sergipe (TJ-SE) reformou a sentença e garantiu ao autor o direito de lançar e vender a obra.

Neste contexto, o Superior Tribunal Federal (STF) declara não precisar de autorização prévia para Biografia⁵, ou seja, a ministra Carmen Lúcia, do Supremo Tribunal Federal, se posicionou em 2015 contra a necessidade da autorização da pessoa biografada para a publicação de obras sobre sua vida. Carmen Lúcia defendeu a liberdade de expressão e o direito à informação, mas também disse que a Constituição garante o direito à privacidade e à proteção da honra. Por isso, disse que eventuais danos causados à imagem dos biografados poderão levar o biógrafo a indenizá-lo.

Há risco de abusos, não somente no dizer e no escrever. Mas a vida é uma experiência de riscos. A vida pede de cada um de nós coragem. E para os riscos há solução, o direito dá formas de fazer, com indenização a ser fixada segundo se tenha apurado dano. Censura é forma de cala-boca." (Ministra Carmem Lúcia).

Se você proíbe esse cidadão de ter acesso ao Judiciário para questionar o que ele julga ser ultrajante, você torna o biografado um pária social. O pior dos criminosos tem acesso ao poder Judiciário, com direito de ampla defesa, todos os direitos inerentes ao cidadão", disse. (Advogado do Instituto Amigo, de Roberto Carlos).

Como sói acontecer em qualquer biografia, a verdade histórica não é um dado, imposto pelo Estado ou pela versão dos protagonistas da história, mas um processo constante de construção e reconstrução que pressupõe a pluralidade de versões, a diversidade de fontes e interpretações, cabendo a formação das convicções e opiniões à sua excelência, o leitor", afirmou. (Associação Nacional de Editores de Livros).

⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2015/06/relatora-no-stf-diz-que-nao-e-preciso-autorizacao-previa-para-biografias.html> Acesso em 25 Jan. 2022.

Também se manifestaram no julgamento o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), que defenderam a não necessidade de autorização, e também o Instituto dos Advogados de São Paulo, para quem não precisa haver autorização em caso de pessoas públicas e notórias, sobre fatos de interesse público.

Pelos textos abordados até aqui podemos entender o porquê das biografias não autorizadas: fora de contexto, especulação, estereótipos, ponto de vista. É muito oportuno ter o conhecimento das teorias sobre biografia. Nas oficinas da UNATI, as biografias, autorizadas ou não, são trabalhadas como gatilhos de memória para lembranças e troca de experiências.

O Presidente da OAB, Marcus Vinícius Coêlho, disse que a manifestação do pensamento é "totalmente livre" na maioria das democracias. Em sua sustentação, ele disse que fatos inverídicos, ofensas à honra e calúnias poderão ser resolvidas no Judiciário com a indenização.

A autobiografia, por sua vez, trata-se de um texto narrativo, de caráter pessoal, portanto, em primeira pessoa e tem e o próprio escritor como personagem principal.

Como assinala a etimologia, trata-se de uma biografia, ou história de uma vida, que o próprio autor elabora. Por outras palavras, define-se como a narração retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz da própria existência, uma vez que põe ênfase na sua vida individual. (MASSAUD, 2004, p. 46).

A autobiografia não deve somente ser analisada pela ótica individual. Ao narrar a própria história, o indivíduo compartilha a história da família, da comunidade, e tem um contexto histórico que envolve essas lembranças. E essas recordações que envolvem uma visão de mundo nos permitem ter acesso a esse passado.

A reconstituição do passado individual, faz-se como história, vincula-se ao discurso historiográfico, visto que pressupõe a veracidade dos fatos mais remotos e das circunstâncias que determinaram a construção do "eu" do narrador, fazendo dele o que acabou sendo. (MASSAUD, 2004, p. 46).

No relato da autobiografia nos deparamos com a autoficção. Nossas recordações são realmente como achamos que são? Segundo Aleida Assmann (2011, p. 71-117) nossas recordações não são confiáveis: "As recordações estão entre as coisas menos confiáveis que um ser humano possui. [...]. A recordação não é reflexo passível de reconstituição, mas ato produtivo de uma nova percepção."

Geralmente, julgamos ser capazes de lembrar do nosso passado, da nossa infância, juventude. Mas é possível que isso não ocorra exatamente como lembramos, é possível, mesmo que não seja de forma intencional, que sejamos sinceros em relatar nossas falhas, medos, rejeições.

Decerto ninguém mais indicado que o próprio indivíduo para relatar a sua existência pregressa. Na verdade, porém, a expectativa é desmentida pelos fatos: via de regra, as autobiografias não inspiram a confiança desejada, uma vez que o escritor acaba distorcendo a imagem do seu passado, seja por esquecimento, involuntário ou deliberado, seja por censura, seja por amplificar ou minimizar alguns aspectos em detrimento de outros, seja porque, afinal de contas grande dose de narcisismo se instila na reconstituição que uma existência faz de si própria. (MASSAUD, 2004, p. 46).

Em posse do significado de biografia, vamos à definição de Autobiografia e autoficção.

Autobiografia, o vocábulo entrou em uso por volta de 1800. [...] Como assinala a etimologia, trata-se de uma biografia, ou história de uma vida que a própria pessoa elabora. [...] A reconstituição do passado individual faz-se como história, vincula-se ao discurso historiográfico, visto que pressupõe a veracidade dos fatos mais remotos e das circunstâncias que determinam as circunstâncias do “eu” do narrador, fazendo dele o que acabou sendo. (MASSAUD, 1974, p. 46).

Em um desdobramento de conceito, a autoficção vai além desse conceito:

Autoficção, descobre-se, no século XX, uma nova tendência introspectiva capaz de burlar as normas canônicas da autobiografia por meio da mistura de diferentes gêneros e formas discursivas. Com a promessa de ser também um espaço de restituição e recomposição dos resquícios do vivido, da memória. [...] Batizada de autoficção em 1977 essa escrita é vista como um objeto literário que, ao longo dos anos, adapta-se às necessidades desse sujeito contemporâneo. (BERND, 2010, p. 27).

Biografias e autobiografias são de grande importância para a história, para remontar o passado. Desde as décadas de 1970-1980, uma nova fonte de análise foi incorporada à história: novos temas foram acrescentados à pesquisa histórica, “Valorizou-se a análise qualitativa; experiências individuais passaram a ser vistas como importantes para a compreensão do passado, às vezes mais significativas do que as grandes estruturas como os modos de produção.” (ALBERTI, 2000, p. 1).

Atualmente, a história oral é uma metodologia claramente multidisciplinar, praticada por historiadores, antropólogos, sociólogos, folcloristas, cientistas políticos, educadores e psicólogos, entre outros. Ela se presta a interesses acadêmicos, pedagógicos, arquivísticos e terapêuticos. Há diversas correntes e modos de abordagem e possibilidades diferenciadas de objetos de estudo. No Brasil e no mundo, os praticantes da história oral se encontram em congressos periódicos, publicam artigos em revistas especializadas e reúnem-se em torno de associações (em 1994, foi fundada a Associação

Brasileira de História Oral e, em 1996, a Associação Internacional de História Oral). (ALBERTI, 2000, p. 2).

O amadurecimento da história oral como fonte de pesquisa deve-se ao fato de a subjetividade e a experiência individual serem agora de grande importância para compreender o passado. Recorrer ao uso da biografia e dos métodos biográficos na investigação da história é muito bem aceito hoje em dia, considerando o crescente editorial das biografias, não só no Brasil como em todo o mundo.

A ênfase na biografia, na trajetória do indivíduo, na experiência concreta, faz sentido porque a biografia mostra o que é potencialmente possível em dada sociedade ou grupo. Acredita-se que as biografias ilustram formas típicas de comportamento e concentram todas as características do grupo; mesmo as desviantes mostram o que é estrutural e estatisticamente próprio ao grupo - elas permitem identificar as possibilidades latentes da cultura e deduzir “em negativo” o que seria mais frequente. (ALBERTI, 2000, p. 3).

Em sua coluna na *Publishnews*, do dia 28/06/2017 o jornalista Paulo Tedesco fala sobre a memória e os novos jeitos de poder preservá-la. Ele cita a biografia como meio de preservação da memória. Para o autor, propõe uma crença nas biografias, inclusive, como forma atual de sintonia com a realidade, sendo recomendável como fonte histórica:

E que mal há, pergunto? O pessoal mais apressado torce o nariz, ensaiando desdém quando ali deveria identificar o que há de mais honesto e sincero na história contemporânea. Se nas faculdades de história aprendemos que existem as fontes primárias, e essas andam ameaçadas com o crescimento das cidades e a digitalização do conhecimento, essas biografias e autobiografias e correlatos, vêm servindo como uma resposta inteligente ao quadro um tanto sombrio das memórias, tanto individuais como coletivas. (PUBLISHNEWS, 2017).

O uso de biografias em sala de aula é um meio de estudar história e lembrar o passado. Estudando trajetórias afins, compartilhamos e ressignificamos recordações. São textos que buscam detalhes e dão credibilidade à construção descritiva das pessoas, muitas vezes, revelando o grupo ao qual pertencem e mostrando algo mais abrangente que o próprio indivíduo biografado devido ao aspecto cultural de seu entorno:

[...] gestora, artista, produtora, conselheira, parecerista de projetos, consumidora, difusora e também pesquisadora. A ênfase na biografia, na trajetória do indivíduo, na experiência concreta, faz sentido porque a biografia mostra o que é potencialmente possível em dada sociedade ou grupo. Acredita-se que as biografias ilustram formas típicas de comportamento e concentram todas as características do grupo; mesmo as desviantes mostram o que é estrutural e estatisticamente próprio ao grupo - elas permitem identificar as possibilidades latentes da cultura e deduzir “em negativo” o que

seria mais frequente. [...] Em outras palavras: sem indivíduos concretos não se pode fazer uma pesquisa de história oral e, creio, não se pode fazer psicologia e psicanálise. (ALBERTI, 2000. p. 3).

Segundo Sá (2006, p. 292), “As memórias pessoais não são concebidas como tendo uma origem e um funcionamento estritamente individuais, mas sim como resultado de um processo de construção social.” As biografias são histórias de vidas de autores que conhecemos e que admiramos pela trajetória ou obras. Alguns destes autores estudados nas oficinas, os idosos da UNATI conheceram pessoalmente, como é o caso de Érico Veríssimo enquanto diretor da Livraria do Globo da Rua dos Andradas em Porto Alegre. Alguns são símbolos do nosso regionalismo, como é o caso de Simões Lopes Neto. Outros ouvimos histórias e vimos filmes, como é o caso de Mary Shelley, Jane Austin, Edgar Allan Poe. Esse conhecimento conecta o grupo e dá novos significados, pois cada um vivenciou as experiências à sua maneira. “As memórias comuns podem ser vistas como coleções de muitas memórias pessoais acerca de um mesmo objeto construídas independentemente umas das outras”.

E isso proporciona contarem a própria história.

Em termos de pesquisa empírica, as memórias pessoais são estudadas sob o rótulo de memórias autobiográficas. Incluem-se aí as histórias de vida, que supõem um esforço de reconstrução global e tão completo quanto possível da memória pessoal. (SÁ, 2006, p. 293).

Ainda para Sá (2006), memória é o processo de aprender e armazenar conhecimentos. Memória social é a coletivização desse processo. “[...] a construção, a manutenção e a atualização da memória social, mesmo em suas manifestações mais pessoais, estão na dependência da interação e da comunicação sociais. As “memórias históricas documentais” são chamadas de “memória social” e são os mais variados registros e traços do passado – documentos, em sentido amplo – que se encontram virtualmente disponíveis para qualquer pessoa de uma dada sociedade e estão dispostos em museus e em bibliotecas, sob a forma de monumentos públicos, de manifestações culturais diversas, e assim por diante. Mas só podemos considerar “memória social” aqueles documentos, livros, que são efetivamente lidos ou simplesmente referidos por pessoas e grupos sociais contemporâneos. (SÁ, 2006, p. 293).

A respeito de lembranças que se constituem em memórias, temos um exemplo em um artigo de Lúcia Helena Joviano (2010) intitulado: “O lugar do indivíduo e a crise da memória” onde ela descreve a narrativa fílmica de “V de Vingança”, filme que

demonstra o quanto é importante ter uma história de vida e a relação desta com o passado. O personagem “V” arquiteta uma vingança cujo fundamento não se encontra em seu próprio passado, mas no passado de outra pessoa, vemos o sofrimento vivido por “V” ao ter lido a autobiografia escrita por uma mulher chamada Valery, que era sua vizinha de cela. Esta é a história: sentindo-se próxima da morte, ela escreve em papel higiênico a história da vida dela e passa por um buraco na parede a alguém que estava na cela ao lado e que ela nem sabe quem é. Uma vez livre da prisão (onde ele e Valery foram vítimas da experiência com um vírus), e um incêndio devastador, “V” prepara durante anos uma vingança e nesse ínterim, Evey cruza o caminho dele. Ela havia sofrido a perda dos pais e do irmão por causa do regime, mas nunca se livrara do medo, vivendo a vida sem nenhuma motivação e não concordava com os métodos de “V” lutar para libertar o povo da opressão. Mas “V”, simulou um cativo para Evey e a fez entrar em contato com a narrativa autobiográfica de Valery e assim como ele, ela se sentiu tocada pelo que leu, perdeu o medo e passou a compreender a luta.

Assim, na narrativa fílmica a dor presente na autobiografia de Valery, passou a despertar a dor dos personagens que a leram e a partir daí lutaram pela sua memória. Aquela pessoa que escreveu e por isso permaneceu viva, em sua singularidade, e todas as outras que eram massacradas pelo regime, foram vistas como mais importantes que o prédio – o Parlamento – símbolo do povo no poder. (JOVIANO, 2010, p. 5).

“V” é um personagem mascarado, pois precisa esconder o rosto deformado pelo fogo, mas tal imagem também condiz com a metáfora que expressa: o regime totalitário impõe ao povo uma identidade que impede a manifestação individual, assim todos têm um só modelo de existência, ou seja, se escondem atrás de uma máscara e transforma-se em poder.

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. (LEGOFF, 1990, p. 410).

No final do filme, com a explosão do parlamento, arquitetada por “V”, o povo pode retirar as máscaras, que têm uma simbologia. Frases de “V” durante o filme “De tanto usar máscaras, esquecemos quem somos”, “Eu sou o resultado do que fazem comigo, toda ação, tem uma reação.” (MOORE; LLOYD, 2006).

Nós somos o que somos pelas escolhas que fizemos até o momento e também pelas experiências que armazenamos. Isso implica em manter essas experiências. “O nosso cérebro é um órgão cuja poderosa arquitetura (volume, organização estrutura) é a assinatura do Homo Sapiens”. (CANDAU, 2013, p.16). Para Candau, é o distanciamento do passado que nos permite reconstruir. Nas narrativas de vida ou nas autobiografias é o ato de memória que nos evidencia a aptidão especialmente humana que é dominar o próprio passado. O narrador coloca em ordem os acontecimentos da vida dele, que julga significativos no momento da narrativa: restituições, ajustes, invenções, modificações, simplificações, sublimações, esquematizações, esquecimentos, censuras, resistências, não ditos, recusas, vida sonhada, ancoragens, interpretações e reinterpretações constituem a trama desse ato de memória que faz parte da estratégia de identidade que opera toda a narrativa. (CANDAU, 2013, p. 71).

Essas narrativas de vida, biografias, ou autobiografias que têm o sentido individualista, segundo Peter Burke, faltava na Idade Média. Essa insatisfação sobre a visão tradicional da biografia na Idade Média gerou um desabrochar do indivíduo a partir do Renascimento. Até este momento, não se tinha muita noção sobre a forma e a função da biografia, ela era como um ponto de partida para “captar a condição do outro”, para explorar certas diferenças entre o presente e o passado, inclusive a notar as mudanças de comportamento. Houve então, a ascensão da biografia, na qual começam a deixar de lado fatores da vida pública e trazer detalhes da vida privada, porque até então não se discutia o desenvolvimento da personalidade. Somente no século XVIII se vislumbra uma mudança, com a noção de que a personalidade passa por um processo de desenvolvimento. (BURKE, 1995, p. 95).

Fazendo uso da história de vida de autores e usando suas interjeições sobre a vida, estaremos revivendo a nossa própria história e nos apropriando das lutas e conquistas uns dos outros. “Não pode haver construção de uma memória coletiva se as memórias individuais não se abrem umas às outras visando objetivos comuns”. (CANDAU, 2013, p. 48). O conceito de memória, produzido no presente, é uma maneira de pensar o passado em função do futuro que se almeja. A memória social não pertence a nenhuma disciplina existente, e nenhuma disciplina, por si só, produz o conceito de memória social. Esse conceito se encontra em construção a partir de novos problemas que resultam do encontro dessas disciplinas. (GONDAR, 2005, p. 2).

Tendo isso em mente, vale ressaltar que o velho foi esquecido pela sociedade e tem sido oprimido de muitas maneiras, a recusa ao diálogo e o isolamento que o força a um comportamento repetitivo e monótono. Precisamos nos lembrar que a velhice, além de ser um destino do indivíduo, é uma categoria social. A sociedade rejeita e não oferece sobrevivência aos velhos e suas obras. Perdendo a força de trabalho, ele já não produz, nem reproduz. O velho já não participa mais da produção, não faz mais nada. Acaba sendo tutelado como um menor. Nos cuidados com a criança, o adulto investe para o futuro, mas em relação ao velho, age com duplicidade e má fé. “Pregase respeito aos velhos, mas querem fazê-los ceder lugar aos jovens, afastando-os, delicadamente da direção.” (BOSI, 1994, p. 77-78). A autora questiona por que temos que lutar pelos velhos? Porque são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara, pois só perde o sentido aquilo que no presente não é percebido como visado pelo passado. O velho não tem armas, nós é que temos que lutar por eles.

Neste trabalho sobre a memória e relação dela com a literatura e a história abordamos o conceito de memória, aquisição, armazenamento e evocação de informações. Analisamos a relação entre literatura e história e revisamos os conceitos de literatura e história para melhor entendimento. Discorremos a respeito de memória individual e memória coletiva, pois para dialogarmos entre literatura e história, é preciso considerar os contextos sociais em que as recordações do que lemos ou aprendemos estão inseridas, para ressignificação da memória. Observamos que nesse contexto, a memória deixa de ser apenas individual e que nenhuma lembrança pode existir, senão, a partir de um grupo social. Consideramos a relação entre memória, literatura e história. Com as histórias de vida dos autores vêm a necessidade de contar as nossas próprias histórias.

4 METODOLOGIA E CONTEXTUALIZAÇÃO DO PRODUTO DE PESQUISA

4.1 TIPO DE PESQUISA

Esta pesquisa é bibliográfica sobre biografia e segue o formato qualitativo. A pesquisa qualitativa é objetiva, mas considera a subjetividade do sujeito e não pode ser traduzida em números.

Considerando, no entanto, que a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques. (GODOY, 1995, p. 21).

Ainda, segundo Godoy (1995), a abordagem qualitativa ocupa um lugar de referência entre as muitas possibilidades que envolvem o estudo dos fenômenos que circundam os seres humanos e suas relações sociais, em diversos ambientes. “Algumas características básicas identificam os estudos denominados “qualitativos”. Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada.” (GODOY, 1995, p. 21)

A expressão Pesquisa Qualitativa faz referência a uma ampla gama de perspectivas, modalidades, abordagens, metodologias, desenhos e técnicas utilizadas no planejamento, condução e avaliação de estudos, indagações ou investigações interessadas em descrever, interpretar, compreender, entender ou superar situações sociais ou educacionais consideradas problemáticas pelos atores sociais que são seus protagonistas ou que, por alguma razão, eles têm interesse em abordar tais situações num sentido investigativo (JORDAN, 2018).

Na pesquisa qualitativa, mais que em qualquer outra modalidade de produção de conhecimento, o pesquisador tem um lugar privilegiado em que pode exercer a sua subjetividade à plenitude. O acontecimento pesquisado remete para ações postas em jogo por seres humanos que sintetizam em si as dimensões sociossimbólicas, referida à forma como o pesquisador se reconhece a si mesmo e se apresenta diante dos outros como resultado da metabolização ou absorção das múltiplas condições (geográficas, históricas, sociais, culturais, familiares, tecnológicas, econômicas, políticas, religiosas, entre muitas outras) nas quais desenvolve sua vida, e contribuem ao desenvolvimento da sua subjetividade, que condiciona todos os processos

cognitivos, afetivos e sensoriais que mediam seu relacionamento com a realidade constituída pelas condições antes ditas (FERRAROTTI, 2014).

Mas, mesmo que implícitas, toda Biografia Individual contém “invariantes estruturais”, o seja “convergências que emergem tematicamente nas histórias de vida singulares (autobiografia) no interior de um horizonte histórico dado (biografia coletiva)” (FERRAROTTI, 2014, p. 51).

Essa singularidade individual que tem qualquer prática individual humana permite assumir ao pesquisador como o principal Dispositivo da Pesquisa Qualitativa.

A abordagem qualitativa disponibiliza várias possibilidades de realização de pesquisa, entre elas cita-se: pesquisa documental, que tem os documentos como base da pesquisa; etnografia, que é utilizada na exploração de temas associados a outras áreas do conhecimento, como, por exemplo, a educação, a psicologia e sociologia; e estudo de caso, que se caracteriza como uma pesquisa que visa o exame detalhado de um ambiente, de um simples sujeito ou de uma situação em particular, como é o caso do grupo da Terceira Idade da UNATI.

O estudo de caso tem se tornado a estratégia preferida quando os pesquisadores procuram responder às questões "como" e "por quê" certos fenômenos ocorrem, quando há pouca possibilidade de controle sobre os eventos estudados e quando o foco de interesse é sobre fenômenos atuais, que só poderão ser analisados dentro de algum contexto de vida real. (GODOY, 1995, p. 25).

Cada aula foi elaborada através de estudo de textos biográficos de autores e artistas. São textos biográficos que salientam as dificuldades, empecilhos e superações de vida de cada um dos autores. Usando frases desses autores para suscitar memórias individuais e coletivas e equipará-las com as memórias dos alunos. Usamos as memórias dos escritores para reafirmar e recriar significados. As biografias têm a finalidade de suscitar lembranças significativas sobre o passado; invocar a lembrança individual e coletiva e possibilitar que os alunos relatem suas experiências de vida. A aproximação entre os alunos durante as oficinas e os relatos de cada vida permitem produzirmos uma análise de acontecimentos passados, apreciando a singularidade de cada aluno.

4.2 COLETA DE DADOS

Com relação à forma de Coleta de dados, é uma pesquisa bibliográfica, que é a partir de livros e revistas impressas ou eletrônicas e sites, visando mostrar o conhecimento disponível sobre o assunto. Levando em consideração que o produto final deste mestrado é um livro com oficinas para a terceira idade, a pesquisa bibliográfica envolveu várias etapas, a saber: escolha dos autores, com publicação de textos envolvendo dados biográficos e que despertavam o interesse dos alunos. Selecionei cada autor e verifiquei se era de interesse dos alunos da terceira idade, e se apresentava relevância teórica e prática. Verificamos se existia material bibliográfico disponível. A partir disso iniciou-se a próxima etapa, que foi a elaboração de um plano provisório de assunto, que consistiu na organização das partes do projeto. Logo em seguida, veio a busca das fontes.

Para tanto utilizou-se como palavras-chave: Terceira idade. Memória. Biografia. Literatura, tendo realizado a pesquisa em outubro de 2020 e sendo atualizada até janeiro de 2022. O lugar mais conveniente para buscar essas fontes foi o site *eBiografia* onde encontrei variedade de escritores, catalogados por pessoa capacitada.

As biografias são pesquisadas nos sites *eBiografia* e *O Pensador*. Os dois sites são redigidos por Dilva Frazão, bacharel em Biblioteconomia pela UFPE e professora do ensino fundamental. Desde 2008 ela trabalha na redação e revisão de conteúdos educativos para web, para o site www.ebiografia.com que possui biografias de personalidades do Brasil e do Mundo. Biografias com resumo da história de vida, obras, carreira e legado dos famosos. São disponibilizadas biografias de escritores, autores, políticos, atores e grandes pensadores. A mesma pessoa também produz conteúdo em <https://www.pensador.com/>, com mais de 2 milhões de frases e pensamentos para compartilhar. Outro site pesquisado é *Significados* <https://www.significados.com.br/>, que aborda significados, conceitos e definições sobre os mais variados assuntos. Podemos encontrar significados em todas as áreas de conhecimento, com exemplos; e em *Todamateria* <https://www.todamateria.com.br/> encontra-se conteúdos escolares para alunos e professores. Apaixonada por História, Geografia e Arqueologia, Dilva coleciona moedas antigas e selos. Foi diretora administrativa e financeira da QI Informática.

4.3 ANÁLISE DOS DADOS

Este estudo tem como finalidade a construção de um livro com relatos de 10 oficinas para a terceira idade contendo as aulas ministradas, narração de comentário e reação dos idosos sobre as atividades projetadas a partir da biografia de autores da literatura. A cada aula, um texto biográfico, impresso (entregue para os alunos) e no PPT. Biografias de autores de interesse dos alunos e com relevância para a história de vida deles. Juntamente com as biografias, foram selecionadas as frases mais significativas dos autores.

Para a realização desta revisão, seguiu-se as seguintes fases: (1) identificação do tema e definição da questão norteadora; (2) delimitação dos critérios de inclusão e exclusão de estudos; (3) definição das informações que foram extraídas da literatura dos estudos selecionados, formando uma categorização dos estudos; (4) avaliação e análise dos estudos já incluídos; (5) interpretação dos textos quanto sua biografia para ressignificação das memórias de idosos e, (6) desenvolvimento do livro (GALVÃO; MENDES; SILVEIRA, 2010).

A partir do estudo realizado e agregando as recordações, ressalta-se a valorização da terceira idade. Pretendo salientar em cada idoso o sentimento de que a velhice é uma fase da vida em que é possível criar, interagir e ter uma vida social condizente com os tempos atuais. Assim, valoriza-se o sentir-se importante, voltar para casa e poder contar coisas novas.

Este projeto ganhou vida nas oficinas da UNATI (Universidade Aberta da Terceira Idade) que está localizada nas dependências da Unilasalle. A UNATI segue modelos já implantados de universidades abertas à terceira idade e tem como metas oferecer assistência e educação à população idosa. O objetivo Geral da UNATI, de acordo com o seu Estatuto, é proporcionar ao idoso um contexto de extensão com caráter integrador, assistencial, de ensino e de pesquisa. E tem como principais objetivos:

- ⇒ Promover uma educação com base em valores éticos e morais numa perspectiva humanista.
- ⇒ Oferecer vivências nas diversas situações pedagógicas para Terceira Idade.
- ⇒ Possibilitar a construção da autonomia do idoso permitindo a investigação da própria prática e estimulando o aprender a aprender.

- ⇒ Incentivar a progressiva autonomia intelectual do idoso.
- ⇒ Promover uma sólida formação geral, necessária para que o idoso supere os desafios do envelhecimento saudável.
- ⇒ Organizar um modelo pedagógico capaz de atender às demandas da sociedade idosa.
- ⇒ Fortalecer a articulação da teoria com a prática, valorizando o ensino com a pesquisa individual e coletiva, assim como os estágios e a participação em atividades de extensão.

Além desses objetivos, a UNATI tem como principais desafios: compreender e atender as diferentes manifestações da cultura, do cotidiano, do social, do político e da saúde dos idosos com mais de 60 anos presentes na sociedade, buscando através do conhecimento acadêmico a reinserção deste cidadão ao encontro do conhecimento para um envelhecimento saudável e com qualidade de vida.

A UNATI iniciou suas atividades no mês de março de 2010, oferecendo um Curso de Capacitação para trabalhar com a Terceira Idade, atendendo ao público interno (acadêmicos e funcionários) e público externo (comunidade em geral), que pretendem trabalhar com a Terceira Idade. No mês de abril iniciaram o trabalho com os idosos e obtiveram 100 inscritos. No dia 29 de abril de 2010, houve o lançamento oficial da UNATI/UNILASALLE, com a presença do Patrono, o Senador Paulo Paim, já que ele é o autor do Estatuto do Idoso. Portanto, é destinada para pessoas que tenham mais de 60 anos. Oferece oficinas com uma proposta de educação inclusiva, adaptada, com ênfase no autocuidado, na autonomia, na promoção da saúde e na cidadania. Possui atividades especiais para a atualização, reciclagem, informação e conhecimento, proporcionando um novo significado à vida dos idosos.

O projeto atende à Região Metropolitana e Vale dos Sinos, principalmente as cidades de Canoas, Porto Alegre, Esteio, Sapucaia do Sul, Cachoeirinha, Novo Hamburgo, entre outras. Os participantes do projeto são pessoas de todas as camadas sociais e culturais e de ambos os sexos, apesar de que a demanda é de maioria feminina.

Só então pude passar para uma organização lógica do assunto e fazer a redação do texto para elaboração concreta do livro.

5 COMPREENDENDO AS BIOGRAFIAS NA UNATI

5.1 BIOGRAFIA E PATRIMÔNIO CULTURAL

Patrimônio cultural de um povo, segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN⁶, é formado pelo conjunto de saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remetem à história, à memória e à identidade desse povo. Patrimônio cultural de uma sociedade também é fruto de escolhas, que, com a participação do Estado e sociedade, escolhe o que é mais importante e representativo da sua cidade, história e cultura. Enfim, os valores mais significativos que as pessoas atribuem a determinados objetos, lugares ou práticas culturais que os tornam patrimônio coletivo.

O dicionário Houaiss refere patrimônio como “Bem ou conjunto de bens naturais ou culturais de importância reconhecida num determinado lugar, região, país, ou mesmo para a humanidade, que passam por um processo de tombamento para que sejam protegidos e preservados.” (HOUAISS, 2001, p. 2151).

A Constituição Federal de 1988, no Artigo 216, ampliou o conceito de patrimônio, substituindo a denominação Patrimônio Histórico e Artístico, estabelecido pelo Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, por Patrimônio Cultural Brasileiro. Enquanto o Decreto de 1937 estabelece como patrimônio “o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no País, o Artigo 216 da Constituição conceitua patrimônio cultural como sendo os bens “de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”.

Nessa nova definição promovida pela Constituição, estão incluídas as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Entretanto, Mário de Andrade já assinalara na proposta entregue ao ministro Gustavo Capanema em 1936 que o patrimônio cultural da nação compreendia muitos outros bens além de monumentos e obras de arte. Anos depois, em fala à câmara do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Conselho Nacional de Cultura, Rodrigo Melo Franco de Andrade reconhecia que ‘o acervo dos bens culturais compreendidos no campo de ação do órgão

⁶ Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>. Acesso em: 10 Dez. 2021

integrante do Conselho ultrapassa largamente a relação numérica dos bens inscritos nos livros do tombo, bem como a fração dos que devem, por seus requisitos, ser incluídos no tombamento.’ (FONSECA, 2020, p. 1).

Um bem cultural, salienta Fonseca (2020, p. 2) tem um peso material e simbólico para a dinâmica de atribuição de sentidos e valores. “Os bens culturais não valem por si mesmos, não têm um valor intrínseco. O valor lhes é sempre atribuído por sujeitos particulares e em função de determinados critérios e interesses historicamente condicionados.”

Depois da inclusão de “formas de expressão” como patrimônio cultural, vimos ser enaltecida a história oral. Segundo relata a historiadora e antropóloga Verena Alberti “[...] experiências individuais passaram a ser vistas como importantes para a compreensão do passado, às vezes mais significativas do que as grandes estruturas como os modos de produção.” (ALBERTI, 2000, p. 1).

A história oral torna-se importante por essas histórias individuais que nos trazem fatos do passado e suscitam recordações. Segundo Halbwachs, isso é possível porque as lembranças de outros remetem às nossas lembranças, pois nos transporta a determinados pontos de referência. “Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade.” (HALBWHACHS, 2006, p. 72).

Acerca desse caráter social, podemos pensar o quanto a memória do indivíduo depende das palavras dos outros, das histórias lidas ou contadas, das obras de arte, que são sociais não só em termo do contexto que estão inseridas, mas por serem produções históricas. (SAMPAIO, 2000, p. 37).

É de extrema importância conhecer outras histórias e saber que não somos os únicos a sofrer, a lutar, a ter dúvidas.... Ouvindo outras histórias de vida, ou biografias, nós aprendemos, lembramos, esquecemos, nos inspiramos. As biografias nos remetem a determinados comportamentos, estilos de vida e cultura. Então, a história de uma pessoa denota o lugar onde ela vive e o tipo de vida que ela vive.

Acredita-se que as biografias ilustram formas típicas de comportamento e concentram todas as características do grupo; mesmo as desviantes mostram o que é estrutural e estatisticamente próprio ao grupo - elas permitem identificar as possibilidades latentes da cultura e deduzir “em negativo” o que seria mais frequente. [...] Em outras palavras: sem indivíduos concretos não se pode fazer uma pesquisa de história oral e, creio, não se pode fazer psicologia e psicanálise. (ALBERTI, 2000, p. 3).

Os bens culturais de natureza imaterial são aqueles transmitidos de geração a geração, de pais para filhos, aqueles que se recriam constantemente pelos grupos e comunidades em função do ambiente próprio, de uma interação com a natureza, criando uma história. Patrimônio imaterial⁷ gera um “sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.” As biografias são patrimônio imaterial por revelarem memórias e costumes, crenças, enfim, todo um modo de vida de uma pessoa.

De acordo com Sá (2006, p. 292), “memórias pessoais não se configuram como originadas em um funcionamento estritamente individual, elas são um processo de construção social.” Nós temos a ilusão de que só se escrevem biografias de pessoas famosas, biografias são histórias de vidas de pessoas renomadas, às quais admiramos a trajetória e obras, mas também são histórias de pessoas comuns como eu e você. “As memórias comuns podem ser vistas como coleções de muitas memórias pessoais acerca de um mesmo objeto construídas independentemente umas das outras.” (SÁ, 2006, p. 293).

O afloramento da história oral como fonte de pesquisa deve-se ao fato de a subjetividade e a experiência individual serem agora de grande importância para compreender o passado. Recorrer ao uso da biografia e dos métodos biográficos na investigação da história de pessoas para formarem a história de comunidades, é muito bem aceito hoje em dia, considerando o crescente editorial das biografias, não só no Brasil como em todo o mundo.

A ênfase na biografia, na trajetória do indivíduo, na experiência concreta, faz sentido porque a biografia mostra o que é potencialmente possível em dada sociedade ou grupo. Acredita-se que as biografias ilustram formas típicas de comportamento e concentram todas as características do grupo; mesmo as desviantes mostram o que é estrutural e estatisticamente próprio ao grupo – elas permitem identificar as possibilidades latentes da cultura e deduzir “em negativo” o que seria mais frequente. (ALBERTI, 2000, p. 3).

As biografias são de grande importância para a história, para remontar o passado, pois é a história de cada um, que forma a história de todos. Desde as décadas de 1970-1980, o relato oral foi incorporado como nova fonte de análise à história: novos temas foram acrescentados à pesquisa à histórica, “Valorizou-se a

7

Disponível em:
<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234#:~:text=O%20patrim%C3%B4nio%20imaterial%20%C3%A9%20transmitido,diversidade%20cultural%20e%20%C3%A0%20criatividade.> Acesso em: 10 dez. 2021.

análise qualitativa; experiências individuais passaram a ser vistas como importantes para a compreensão do passado, às vezes mais significativas do que as grandes estruturas como os modos de produção.” (ALBERTI, 2000, p. 1).

Atualmente, a história oral é uma metodologia claramente multidisciplinar, praticada por historiadores, antropólogos, sociólogos, folcloristas, cientistas políticos, educadores e psicólogos, entre outros. Ela se presta a interesses acadêmicos, pedagógicos, arquivísticos e terapêuticos. Há diversas correntes e modos de abordagem e possibilidades diferenciadas de objetos de estudo. No Brasil e no mundo, os praticantes da história oral se encontram em congressos periódicos, publicam artigos em revistas especializadas e reúnem-se em torno de associações (em 1994, foi fundada a Associação Brasileira de História Oral e, em 1996, a Associação Internacional de História Oral). (ALBERTI, 2000, p. 2).

Ecléa Bosi (2003) faz apologia à memória oral como um instrumento precioso para construir crônicas do cotidiano e refere os velhos como mediadores. “A memória dos velhos pode ser trabalhada como mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal da cultura visto que existem mediadores formalizados.” (BOSI, 2003, p. 15).

Bosi ainda discorre que não podemos pensar nas testemunhas orais como mais autênticas que a versão oficial. Muitas vezes são dominadas por processos de estereotipia e se dobram à memória institucional. Temos que primar por uma conservação subliminar de toda a vida psicológica já transcorrida. O afloramento do passado se combina com o processo corporal e presente da percepção. (BOSI, 2003, p. 36).

Segundo Halbwachs (2003), a memória individual existe a partir de uma memória coletiva. “Nossas lembranças permanecem coletivas, e nos são lembradas pelos outros, mesmo se tratando de acontecimentos nos quais só estivemos envolvidos, e objetos que só nós vimos. Na realidade, nunca estamos sós.” (HALBWACHS, 2003, p. 30). A origem de várias ideias, reflexões, sentimentos, paixões que atribuímos a nós, na verdade, surgem do grupo ao qual pertencemos. “Não há lembranças que reaparecem sem que de alguma forma seja possível relacioná-las a um grupo.” (HALBWACHS, 2003, p. 42).

A história de uma comunidade é a soma de todas as histórias individuais “a memória coletiva contém as memórias individuais”. (HALBWACHS, 2003, p. 72).

As histórias de vida, biografias, nos ajudam a manter o vínculo com o passado. São importantes para mantermos viva a nossa memória, pertencermos e continuarmos fazendo parte de um grupo. É assim na família, “A família é o grupo que

a criança participa mais intimamente nessa época de sua vida e está sempre à sua volta.” E é assim na comunidade, na sociedade:

Também poderíamos dizer: é preciso que a partir de então não tenhamos perdido o hábito nem o poder de pensar e nos lembrar na qualidade de membro do grupo, do qual esse testemunho e nós fazemos parte, ou seja, colocando-nos em seu ponto de vista e usando todas as ideias comuns a seus membros. (HALBWACHS, 2003, p. 33).

Lembrando que para Halbwachs (2003, p. 30) “Nossas lembranças são coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que só nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós.”

O uso de biografias é um meio de estudar história e relembrar o passado. Lendo trajetórias afins, lembramos, compartilhamos e ressignificamos recordações.

A ênfase na biografia, na trajetória do indivíduo, na experiência concreta, faz sentido porque a biografia mostra o que é potencialmente possível em dada sociedade ou grupo. Acredita-se que as biografias ilustram formas típicas de comportamento e concentram todas as características do grupo; mesmo as desviantes mostram o que é estrutural e estatisticamente próprio ao grupo - elas permitem identificar as possibilidades latentes da cultura e deduzir “em negativo” o que seria mais frequente. [...] Em outras palavras: sem indivíduos concretos não se pode fazer uma pesquisa de história oral e, creio, não se pode fazer psicologia e psicanálise. (ALBERTI, 2000, p. 3).

Vislumbrando as biografias de pessoas comuns nós temos aqui no Brasil, no Estado de São Paulo a Casa Museu da Pessoa. O Museu da Pessoa é um espaço virtual onde encontramos histórias de vida de pessoas comuns da sociedade. Desde sua origem, em 1991, tem como objetivo registrar histórias de vida e transformar em informação para que toda e qualquer pessoa possa ter acesso. “É uma aposta de que as narrativas de memória de todas as pessoas são tesouros da humanidade e por isso merecem ser salvaguardadas.” (VERENA; SZYMCZAK, 2019, p. 176).

O museu possui um acervo de dezoito mil biografias com histórias de luta e superação. “E tem cumprido o propósito de ser um museu aberto e colaborativo transformando as histórias de vida de toda e qualquer pessoa em fonte de conhecimento, compreensão e conexão entre pessoas e povos.” (VERENA; SZYMCZAK, 2019, p. 176).

Trata-se de um museu virtual que, além de coletar as histórias de vidas, as organizam em acervos, as preservam e as disseminam. A equipe administrativa do museu vê no espaço da globosfera uma possibilidade para disseminação do método de coleta de histórias de vida – que ganhou o nome de tecnologia social da memória. [...] Diante da aposta de que as histórias de

vidas podem ser valorizadas como patrimônio cultural, percebemos que há uma demanda por um patrimônio que escapa das linhas dos livros de tombos e registros, e anuncia um espaço outro que pode possibilitar sua afirmação enquanto tal.” (VERENA; SZYMCZAK, 2019, p. 176).

Avançamos diante do fato de que as histórias de vida, as biografias, inundem o campo do patrimônio cultural e tenhamos muito mais espaço para museus como a Casa Museu da Pessoa com muitas histórias pessoais montando uma história comum, uma memória social. “Refletimos o valor patrimonial a partir da diferença e apostamos no valor das narrativas e das experiências, da identidade do humano.” (VERENA; SZYMCZAK, 2019, p. 177).

Em se tratando das histórias de vida, podemos considerar que, quando são inseridas no acervo do Museu da Pessoa, elas podem ser associadas a dois estados, de fetiche e de relíquia. Ao primeiro, porque enquanto testemunha, enquanto sujeito que fala sobre si mesmo e se reconhece enquanto um eu, o narrador é o autor da história de vida e lhe confere poder enquanto verdade. Ao segundo, por pertencer a determinada pessoa que narra a si mesma. Entendemos que o Museu da Pessoa valoriza a história de toda e qualquer pessoa como parte do patrimônio do país, e da própria humanidade; indiferentemente de quem seja o narrador de uma história de vida, ela assume o estado de relíquia simplesmente por estar intrinsecamente relacionada a uma pessoa. (VERENA; SZYMCZAK, 2019, p. 181).

A historiadora Karen Worcman, idealizadora do Museu da Pessoa afirma que a história de todos tem um valor, e esse valor deve ser usado como fonte de conhecimento, pois a vida de cada um de nós tem informações que edificam a história da comunidade, da cidade, do país e do mundo.

Compreendemos que, para o Museu da Pessoa, toda e qualquer pessoa, enquanto portadora de uma história de vida singular e particular, por ser carregada de especificidades, é insubstituível. O que lhe confere valor único como bem patrimonial. (VERENA; SZYMCZAK, 2019, p. 182).

É gratificante perceber que assim como as obras de arte possuem uma história e um valor cultural significativo na construção de um patrimônio, nós também possuímos. “Quando mencionamos a relação que Worcman traçou entre as histórias de vida e a Mona Lisa, compreendemos que ela foi motivada a fazer esta associação pelo valor cultural que esta pintura possui.” (p. 183).

Figura 2 – Foto de Divulgação: Museu da Pessoa / Banco Sonoro.



Fonte⁸

Instalado no Parque Ibirapuera, na cidade de São Paulo, em frente ao Museu Afro Brasil, a obra convida o público a se sentar em uma raiz de árvore, escultura/banco do artista Hugo França, e a ouvir histórias de representantes da cultura negra. É importante escutar pessoas contarem suas histórias de vidas, memórias individuais tornam-se memórias coletivas quando compartilhadas e

[...] memórias históricas orais são memórias coletivas, memórias práticas podem estar presentes nas demais instâncias, várias destas podem compor as memórias públicas, e assim por diante. [...] algumas instâncias podem se transformar em outras memórias comuns em memórias coletivas. (SÁ, 2006, p. 295).

Segundo Worcman (2021), “as vidas negras são patrimônio fundante do nosso país, verdadeiras raízes do Brasil. Escutar suas histórias é atuar para que este valor – histórico e humano – seja cada vez mais reconhecido”. (Museu da Pessoa). A urbanista Ana Maria Wilhelm, responsável pelo projeto do banco sonoro salienta “Somos uma cultura predominantemente oral, e muitas vezes perdemos os fios das meadas dos fatos e transformações sociais que, se visíveis, nos ajudariam a entender melhor os fatos históricos” (Museu da Pessoa).

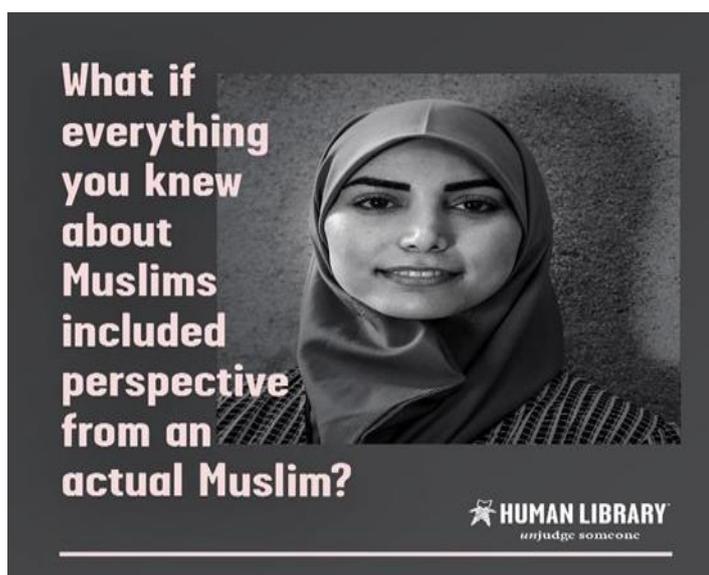
Outro exemplo de patrimônio cultural é a Biblioteca de Albertslund em Copenhague, na Dinamarca, que adotou um programa com uma Biblioteca Humana. “Não julgue o livro pela capa!” Com esse slogan a biblioteca de Albertslund traz

⁸ RANGEL, Juliana. Home Click Museus. **Banco sonoro com acervo do Museu da Pessoa é instalado no Parque Ibirapuera**. Disponível em: <https://clickmuseus.com.br/obrarraizes-negras/>. Acesso em: 20 jun. 2021.

histórias de pessoas reais ao invés de livros. O acervo da biblioteca oferece assuntos relacionados a experiências humanas e podem ser acessados através da contação destas histórias pelas próprias pessoas que a vivenciaram. A instituição trabalha, principalmente, com grupos de voluntários que geralmente são estereotipados pela sociedade. Dentre as histórias da sede dinamarquesa, destacam-se depoimentos como o “Rapaz do Orfanato”, “Crianças sobreviventes do Holocausto” e “A história de um cigano”.

De acordo com o idealizador da Biblioteca, Ronni Abergel a ação é voltada para conhecerem as histórias de pessoas menos favorecidas, como gays, negros, pessoas com alguma doença como HIV, ciganos. Ao escolher uma história para ouvir, o interessado é levado até uma área de discussão onde poderá ouvir o “livro humano” e questionar, tirar dúvidas: tornando a experiência enriquecedora para ambas as partes.

Figura 3 – Foto da Biblioteca humana.



Fonte ⁹

São muitos os tipos de patrimônio histórico e cultural de uma cidade, mas o maior deles está vivo, possui memória e produz história: os cidadãos. Vistos como parte do patrimônio imaterial, são guardiões intangíveis e muitas vezes invisíveis, ainda que estejam por toda parte. Em 2012, surgiu no centro de Tiradentes, cidade histórica de Minas Gerais, uma pequena tenda. Os moradores foram convidados a entrar e contar

⁹ Human Library Organization. Disponível em: <https://www.facebook.com/humanlibraryorg/photos/a.105961776138923/3844276922307371/>. Acesso em: 22 jun. 2021.

a história da vida deles e a relação com a comunidade. As histórias coletadas na tenda foram transformadas em uma grande exposição no centro da cidade. Os rostos dos moradores e as expressões do semblante viraram impressões dramatizadas em preto e branco, foram impressos em grande formato e postos ao lado dos cartões-postais da cidade.

O projeto, então, percorreu outras treze cidades dos estados de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo. “A transformação se dá justamente quando dizemos que queremos ouvir a história pessoal do morador. Quando acionamos sua memória, a pessoa começa a fazer ligações afetivas de sua narrativa com o lugar. Seus olhos começam a brilhar, porque ela própria reconhece a beleza e a importância do que viveu”, explica Gustavo Nolasco, jornalista responsável pelo projeto. (GARCIA, 2019).

Figura 4 – Fotos de moradores a caminho do centro da cidade de Tiradentes.



Fonte¹⁰

Levando em consideração os conceitos mencionados, vale refletir sobre a importância do patrimônio cultural para a sociedade. Vimos no site do IPHAN¹¹ que o Patrimônio Cultural de um povo é formado pelo conjunto de saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remetem à história, à memória e à identidade desse povo. Patrimônios culturais de uma sociedade também são frutos de escolhas, feitas pelas pessoas que ali habitam, com a participação do Estado e

¹⁰ Portal Aprendiz. Moradores Tiradentes. Disponível em: https://portal.aprendiz.uol.com.br/wp-content/uploads/2018/05/moradores_tiradentes0020.jpg. Acesso em: 20 jun. 2021.

¹¹Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/cartilha_1__parasabermas_web.pdf. Acesso em: 10 dez. 2021.

sociedade, que escolhem o que é mais importante e representativo da sua cidade, história e cultura.

Halbwachs (2006) comenta que as pessoas estão inseridas na sociedade na qual possuem um ou mais grupos de referência; então, a memória é construída em grupo. Cada memória é um ponto de vista de uma memória coletiva. Portanto, as lembranças são coletivas, pois nos são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. A lembrança, portanto, é resultado de um processo coletivo, estando inserida em um contexto social específico. Sá (2006) nos coloca que as memórias pessoais não são concebidas como tendo uma origem e um funcionamento estritamente individuais, mas sim como resultado de um processo de construção social. Fonseca enuncia que os bens culturais não valem por si mesmos, não têm um valor intrínseco. O valor lhes é sempre atribuído por sujeitos particulares, em função de determinados critérios e interesses historicamente condicionados. Alberti acrescenta que as experiências individuais passaram a ser vistas como importantes para a compreensão do passado, às vezes mais significativas do que as grandes estruturas como os modos de produção.

Concluimos que o maior patrimônio de uma cidade, um país, são as pessoas, os moradores, pois é através da história deles que a história dos lugares são construídas.

5.2 OFICINAS REALIZADAS NA UNATI

As oficinas ministradas por mim começaram durante o Estágio IV, 2019/1 na graduação de Letras com um workshop intitulado “Mulheres que inspiram mulheres”. Durante este semestre de estágio estudamos somente mulheres, pois essa era a proposta. No semestre seguinte, 2019/2, me ofereci como professora voluntária na UNATI estudando autores em geral.

As aulas foram ministradas com ênfase na leitura sobre autores da literatura e da arte. A cada aula tínhamos um seminário com a biografia, salientando frases e pensamentos do autor(a) estudado(a) no dia. Cada aluno tem a oportunidade de falar a respeito de si mesmo e trazer experiências de vida para compartilhar com os colegas. No encerramento nos reunimos para um chá com bolo e biscoitos trazidos pelos alunos e professora para continuar de forma mais espontânea a conversa começada em aula.

A oficina *Literaturando a Terceira Idade*, da UNATI, contava, no ano de 2019, antes da pandemia, com 14 alunos, 12 mulheres e 2 homens, entre 60 e 84 anos. As biografias eram o gatilho, o ponto de partida para iniciar uma conversa, para relembrar fatos. As análises da vida e das frases dos autores nos aproximam muito em sala de aula. Essas ponderações nos colocam lado a lado no sentido da vida.

Nos faz lembrar de nós mesmos, de quem somos, o que vivemos, o que ainda esperamos viver. Uma das alunas me procurou quando estava passando por um momento difícil. Disse que estava com medo e que não queria contar para mais ninguém, mas comigo ela se sentia à vontade, porque as aulas remetiam a isso. Contou que a neta, que ela criou como filha, estava sendo ameaçada pelo ex-marido e que estava aflita pela situação. Era comum que um deles ficasse após o término da aula para contar uma situação que era motivo de aflição ou até mesmo de orgulho.

Abaixo a transcrição da avaliação de duas alunas da oficina ou workshop. (Originais nos anexos).

Relato 1

“Workshop para mim era uma palavra mais ou menos estranha. Para mim era uma aula de um dia só. Nunca imaginei conhecer, relembrar autores maravilhosos como o que foi abordado pela professora Magali, uma oficina maravilhosa. Pra mim foi puro encantamento pelas escritoras apresentadas, todas sem exceção. Mulheres maravilhosas que bem representam a nós mulheres. Estou encantada como a professora Magali conduziu as aulas com a maestria de uma pessoa justa, sensível e muito humana, já que aprender de novo na minha idade é um desafio. À professora Magali todo o meu carinho e respeito pelo modo como apresentou esse maravilhoso trabalho. Muito mais mérito dela que acreditou em nós. A ela toda a minha gratidão!”

Relato 2

“Para mim estas aulas foram muito gratificantes e maravilhosas, sendo apresentadas com muito carinho pela professora Magali. Apreendi a conhecer literatura, porque eu só lia livros técnicos. Hoje posso falar com propriedade de todos esses autores estudados, alguns com mais profundidade. Ao longo desse estudo eu me identifiquei com algumas autoras, como Cora Coralina, Rachel de Queirós e Frida Kahlo. ‘Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina. Cora Coralina.’ Hoje sinto-me uma eterna aprendiz e continuo transmitindo todos os meus conhecimentos a quem acumulei nesses intensos anos de minha vida.”

No dia dezoito de setembro de 2019 a oficina ou workshop foi notícia no Diário de Canoas (Foto na capa do Jornal) com a manchete Orgulho de ser Gaúcho na Melhor Idade.

Figura 5 – Foto do Jornal.



Fonte: Capa Jornal Diário de Canoas 18/09/2019.

Figura 6 – Contracapa.



Fonte: Contracapa jornal Diário de Canoas 18/09/2019.

Os contos gauchescos narrados pelo personagem Blau Nunes foram trazidos para sala de aula. Para estudar a obra do escritor Simões Lopes Neto, os estudantes foram a caráter, todos pilchados. Na Semana Farroupilha, este foi o tema escolhido para o workshop de literatura promovido pela UNATI. O escritor gaúcho estudado é o expoente máximo da literatura gaúcha, fala dos hábitos, da cultura e da perseverança do gaúcho aprofundar a reflexão sobre as obras e relacionar com o cotidiano, além de conhecer as histórias dos autores são algumas das propostas. “É uma oportunidade de viajar no tempo com a literatura e ainda desfrutar da companhia das minhas amigas”, comenta o aposentado Gideão de Moraes, de 72 anos. O workshop era aberto para o público da terceira idade e acontecia todas as terças-feiras, das 14h às 16 horas na sala 501 do prédio 1 da Universidade La Salle.

Houve aprendizado e discussão sobre as obras: conhecer a história por trás de quem escreveu grandes obras era um dos interesses da aposentada Alair Augustine, de 76 anos: “Gosto muito de ler os livros de Edgar Allan Poe e foi incrível poder conhecer ele melhor”, conta Alair, que participava do workshop há um ano. Ela começou a frequentar nesta semana, ficou sabendo do workshop pelo Diário de Canoas e chegava com expectativas de aprender e trocar ideias sobre literatura.

5.3 EXEMPLO DE OFICINA

Frida Kahlo (Biografia)¹²

A mexicana Frida Kahlo surpreendeu o mundo tanto por meio da arte dela quanto pela forma de enxergar e viver a vida. A vida de Frida foi marcada por adversidades desde o início. Doenças, acidentes, problemas para se encaixar nos padrões femininos da época e relacionamentos conturbados são alguns dos desafios enfrentados por ela.

Filha de pai alemão e mãe espanhola desde pequena teve uma saúde debilitada. Com seis anos contraiu poliomielite que lhe deixou uma seqüela no pé. Com 18 anos, sofreu um grave acidente de ônibus que a deixou um longo período no hospital.

Frida Kahlo lecionou artes na Escola Nacional de Pintura e Escultura, recém-fundada na cidade do México. Foi uma defensora dos direitos das mulheres, tornando-se um símbolo do feminismo. Frida se autorretratou, na maioria de suas obras, as

¹² FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Frida Kahlo**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/frida_kahlo/ Acesso em: 29 maio 2021.

angústias, as vivências, os medos e principalmente o amor incondicional que sentia pelo marido, o pintor e muralista mexicano, Diego Rivera, com quem se casou em 1929.

Frida batalhou para se casar com Diego, que era um homem mais velho. A família dela tentou se opor, sem êxito algum. Os dois viveram de forma intensa um relacionamento difícil de explicar.

Além de uma das mais importantes figuras da arte no século XX, ela foi umas das personagens mais significativas no âmbito político e cultural no México. Frida Kahlo foi uma mulher guerreira, lutadora tanto na vida privada que teve que superar grandes traumas, quanto na vida social. Toda sua obra reflete esta realidade, além da pintura, também deixou um diário onde registrou as alegrias e frustrações como o conturbado casamento, sua saúde frágil e a impossibilidade de gerar filhos.

Frida morreu em 13 de julho de 1954 em sua cama. “Espero a partida com alegria... e espero nunca mais voltar...” foram as últimas palavras encontradas em seu diário.

Algumas frases de Frida:

“Se eu pudesse lhe dar alguma coisa na vida, eu lhe daria a capacidade de ver a si mesmo através dos meus olhos. Só então você perceberia como é especial para mim.”¹³

Às vezes as pessoas não têm a mínima noção de quanto nós a amamos. Não seria bom se nós pudéssemos mostrar isso? Ou se as pessoas pudessem nos mostrar o quanto nos amam?

“A dor é parte da vida e pode se tornar a própria vida.”¹⁴

Nós somos o reflexo do que vivemos. Tanto sofrimento faz a gente pensar que a vida é só dor. Muitos de nós já tivemos momentos assim, muitos de nós conseguimos viver o suficiente para superar e vislumbrar algo bom da vida. Há pessoas que acham que a vida é só dor. Será que pode haver pessoas que tenham uma vida tão boa, sem sofrimentos e que achem que não existe dor?

¹³ Material online da página web Pensador. **Frida Kahlo**. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTc5NDE3OQ/> Acesso em: 29 maio 2021

¹⁴ Material online da página web Pensador. **Frida Kahlo**. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTgxMDI5Mw/> Acesso em 29 maio 2021

“A beleza e feiura são uma miragem, porque os outros acabam vendo o nosso interior.”¹⁵

E não é verdade? Existe um ditado popular que diz: “Beleza não põe mesa”. Muitas vezes nos encantamos com a beleza de uma pessoa, mas nos afastamos assim que descobrimos que ela não tem nada por dentro.

Após cada aula nos sentamos para um chá e conversamos a respeito das lembranças suscitadas em aula. Especialmente na aula sobre Frida Kahlo eu vou caracterizada e sirvo Guacamole, iguaria típica da culinária Mexicana à base de abacate.

Figura 7 – Aula biografia Frida Kahlo.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Nos dias em que estudamos a biografia de Frida temos a presença da atriz Juçara Gaspar que protagoniza o espetáculo montado por ela intitulado *Frida Kahlo à Revolução*. A atriz aceitou o convite para falar sobre a vida da Frida, contou sobre a viagem dela ao México e encantou os alunos com uma simplicidade e cumplicidade incomparáveis. A atriz manifestou o apreço e admiração dela pela vida de Frida Kahlo. Meu eterno agradecimento à Juçara por abrilhantar a minha aula com a presença participação dela e por considerar estar presente sempre que possível.

¹⁵ Material online da página web Pensador. **Frida Kahlo**. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTgwMDQzMA/> Acesso em 29 maio 2021

Figura 8 – Atriz Juçara Gaspar na oficina Literaturando a vida.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 9 – Chamada para espetáculo: Frida Kahlo, à Revolução.



Fonte:¹⁶

¹⁶ @FridaKahloTeatro Editorial/Opinião. Disponível em: <https://www.facebook.com/FridaKahloTeatro/>. Acesso em: 16 jul. 2021.

6 PROPOSTA DE PRODUTO FINAL

6.1 APRESENTAÇÃO DO PRODUTO FINAL

O produto final deste mestrado profissional é um livro, capa dura, com 72 páginas, intitulado: *Literaturando a Terceira Idade*. Cada capítulo conta a história de um autor com citações e relatos das aulas da Oficina *Literaturando a vida*, na UNATI realizadas no período de março/2019 a novembro/2019 com a participação de 14 idosos, originado no projeto de mestrado intitulado: *Memória e Ressignificação de Vida na Terceira Idade por meio de Estudo de Biografias*.

O intuito de desenvolver um livro, com 72 páginas (incluindo capa, dados bibliográficos etc.), trazendo as biografias de autores renomados da literatura e da arte é fazer uso da história de vida e suas frases, revivendo a nossa própria história e compartilhando as lutas e conquistas uns dos outros. A partir da publicação do livro almeja-se valorizar a terceira idade, como uma fase da vida em que é possível criar, interagir e ter uma vida social condizente com os tempos atuais, sentir-se importante, chegar em casa e contar coisas novas. Tem-se como público-alvo idosos a partir de 60 anos, com ou sem formação superior, trabalhadores ou aposentados, qualquer classe social, que desejem formar ou aprimorar conhecimento em histórias de autores da literatura.

Neste cenário, o diferencial será um livro que oportuniza complexidade, pois há participação de idosos da UNATI, onde se poderá explorar este olhar diferenciado, este é o ponto, um livro voltado para este público específico, com suas experimentações e significados, onde eles poderão desfrutar de uma obra, onde há participação de iguais, com a mesma percepção, relatos desta experiência cultural e de ressignificação de vidas através das artes e da literatura. Esta condição será trabalhada no incentivo à ressignificação de memória e incentivo de vida para a terceira idade.

A ideia de um livro surgiu durante as oficinas da UNATI, com os idosos que trouxeram suas inquietações em relação a ter uma experiência de leitura, com suas vivências e percepções da literatura, então elaborou-se uma linguagem e temas relevantes para eles, com ênfase na terceira idade. Levando esse fato em consideração, o livro será de grande utilidade para tantos outros idosos que gostariam de ter acesso a esse material, pois estará prestando serviços para um público que se

sente atraído por ofertas de produtos específicos às suas necessidades e que privilegia um atendimento diferenciado, independentemente do preço final que esse adicional custará. Até porque boa parte deste público ainda é responsável, inclusive, pelo sustento da família – trabalhando mesmo depois de conquistar a aposentadoria, ainda que em horário reduzido. O quadro abaixo demonstra os custos do livro desde a capa até a formatação. Apresenta o custo total e o preço final com a ajuda de apoiadores.

6.2 ESBOÇO DO LIVRO

Figura 10 – Capa do livro.

Magali Regina Biffi



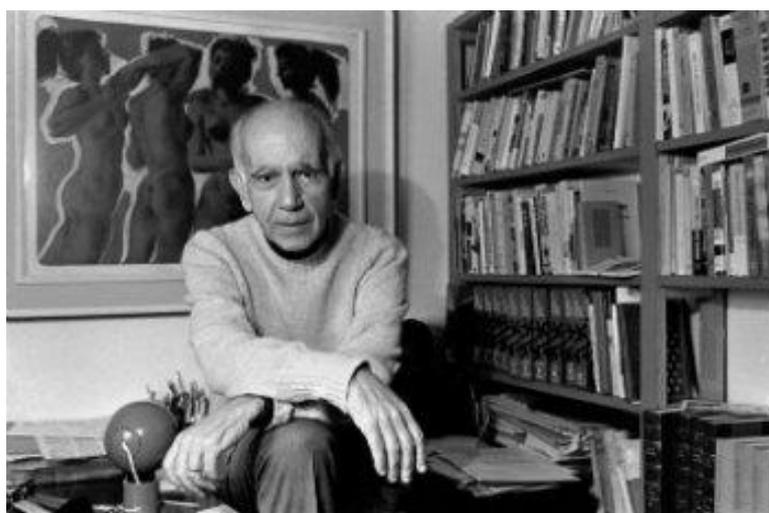
Figura 11 – Contracapa do livro.



MAGALI REGINA BIFFI – é graduada em Letras – Português/Literatura – pela Universidade La Salle (Canoas, RS), Mestre em Memória Social no PPG de Memória Social e Bens Culturais e professora voluntária na UNATI (Universidade Aberta da Terceira Idade) na Unilasalle

A seguir, apresento um exemplo das aulas nas oficinas da UNATI sobre o escrito Erico Veríssimo. Este exemplo faz parte do livro Literaturando a vida.

Figura 12 – Erico Veríssimo¹⁷



¹⁷ Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/erico-verissimo/>.

Erico Lopes Veríssimo nasceu no interior do Rio Grande do Sul, no município de Cruz Alta, no dia 17 de dezembro de 1905. Os pais Sebastião Veríssimo da Fonseca e Abegahy Lopes, provinham de família abastada e tradicional. Contudo, perderam grande parte dos bens, motivo pelo qual Erico começou a trabalhar na juventude para ajudar a família. Desde cedo já era claro o interesse pela literatura. Leu clássicos brasileiros e estrangeiros.

Em 1920, mudou-se para Porto Alegre. A separação de seus pais, em 1922, leva Erico a trabalhar desde cedo como balconista numa seguradora e mais tarde, no Banco Nacional do Comércio. De volta à cidade natal, torna-se sócio da Pharmácia Central junto com um amigo da família, em 1926. Mas o negócio vai à falência e ele decide voltar a Porto Alegre e viver dos escritos. Em 1931 casou-se com Mafalda Halfen Volpe com quem teve dois filhos: Clarissa e Luís Fernando. Nessa época, chegou a se envolver com escritores renomados, sendo contratado para ocupar o cargo de secretário de redação da Revista do Globo. Mais tarde, foi promovido diretor da revista e indicado para gerente do departamento editorial da Livraria do Globo. Além disso, colaborou nos jornais Diário de Notícias, Correio do Povo e foi eleito presidente da Associação Rio-Grandense de Imprensa.

Figura 13 – Livraria do Globo na Rua da Praia em Porto Alegre/RS.



Fonte¹⁸

¹⁸ Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/42193445@N04/6962220288>.

Essa é a antiga Livraria do Globo na Rua da Praia em Porto Alegre onde Erico Veríssimo foi diretor. Muitos de nós frequentávamos. Era encontro de intelectuais, na parte da frente tinha um café onde muitos deles, incluindo Erico e Mario Quintana, eram vistos conversando.

A livraria tinha várias seções. Tinha uma galeria, que ligava as seções, com fotos da história da livraria. Garanto que você se viu caminhando no interior da livraria ou sentado naquele café conversando ou esperando por alguém. Uma viagem no tempo! Erico faleceu dia 29 de novembro de 1975, com 69 anos, em Porto Alegre vítima de infarto.

Erico Veríssimo possui uma vasta obra dentre contos, romances, novelas, ensaios, literatura infanto-juvenil, biografias, autobiografias e traduções. Mas as principais e mais conhecidas que tiveram adaptações para cinema e televisão, são:

Olhai os Lírios do Campo: narra a trajetória de um homem dividido entre o amor e a ambição. *Olhai os lírios do campo* de 1938 tornou-se o primeiro grande sucesso de Erico Verissimo. E sob a direção de Herval Rossano, foi uma novela apresentada pela tevê Globo, em 1980.

O Tempo e o Vento: Obra épica que apresenta a saga das famílias Terra-Cambará na formação do Rio Grande do Sul. A obra, de grande extensão teve adaptação para cinema e televisão.

Ademais, a trilogia *O Tempo e o Vento* tornou-se uma série televisiva, apresentada pela rede globo em 1985, sob direção de Paulo José.

Assistimos uma parte de um capítulo da série *O Tempo e o Vento*, sobre o Capitão Rodrigo, interpretado pelo ator Tarcísio Meira. E o remake com o Tiago Lacerda interpretando o capitão Rodrigo.

Figura 14 – Capitão Rodrigo: ator Tarcísio Meira e Tiago Lacerda.



Fonte¹⁹



Fonte²⁰

Todos preferimos o Tarcísio Meira como Capitão Rodrigo. E você, qual é o seu capitão preferido?

Curiosidades

Quando tinha 4 anos, Erico quase morreu pela meningite, agravada por uma broncopneumonia.

Em meados dos anos de 1930, Erico Veríssimo criou um programa infantil de auditório chamado, Clube dos três porquinhos, na Rádio Farroupilha. Entretanto, decidiu encerrar o programa por motivo de censura. Isso porque o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda do Estado Novo), exigiu que o escritor submetesse previamente àquele órgão as histórias apresentadas no programa de rádio.

Em uma manhã de outubro de 1930, Erico despediu-se do pai Sebastião, que engajado na Revolução de 1930, resolveu mudar-se para Santa Catarina. Foi a última vez que se viram.

O romance escrito em 1943, O resto é silêncio relata o suicídio de uma mulher que se atira do décimo andar. A escolha do tema foi baseada numa história verídica, do qual ele e o irmão Ênio foram testemunhas, enquanto conversavam numa praça em Porto Alegre.

Em 1969, a casa onde viveu em Cruz Alta tornou-se o “Museu Casa de Erico Veríssimo”.

¹⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uaaDVTIdDFk>.

²⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nxeTIBRv9V8>.

O filho, Luís Fernando Veríssimo, seguiu os passos do pai e tornou-se um importante escritor brasileiro, que se destaca pelas obras de humor como O Analista de Bagé (1981) e Comédias da Vida Privada (1994).

Frases de Erico Veríssimo e comentários feitos pelos alunos da UNATI em aula

“Todos nós somos um mistério para os outros... e para nós mesmos.”

Quantas vezes temos reações e atitudes que nunca imaginávamos que teríamos. Às vezes passamos dias pensando: como fui fazer aquilo?

“A vida começa todos os dias.”

Cada dia quando abrimos os olhos, quando acordamos é uma nova oportunidade que temos para começar uma nova história.

“Quando os ventos de mudança sopram, umas pessoas levantam barreiras, outras constroem moinhos de vento.”

Todos temos receio de mudar, pensamos muito antes de decidir realizar qualquer mudança. Mas existem mudanças que independem da nossa vontade. Fatos que nos obrigam a dar uma guinada na vida. Tem uma analogia sobre os peixes novos no aquário. Quando peixes novos são colocados no aquário, uns ficam se debatendo e acabam morrendo, outros simplesmente saem nadando. Estes vivem. Precisamos aprender a nos adequar a novas situações.

“Na minha opinião existem dois tipos de viajantes: os que viajam para fugir e os que viajam para buscar.”

Um aluno disse já ter sido os dois, um dia descobriu que não precisava mais fugir. Todos nós deveríamos experimentar isso. Se você ainda faz parte dos que fogem por algum motivo, está na hora de parar de fugir. Quantas vezes olhamos para trás e vemos que sofremos por coisas que hoje não nos amedrontam mais. Que possamos ter esse sentimento sempre.

6.3 TRILHA PEDAGÓGICA

A seguir apresento a trilha pedagógica de aula. Saliento que a classe da terceira idade é uma classe como todas as outras, são alunos interessados em aprender. Participam das aulas questionando, fazem anotações e, acima de tudo, respeitam a professora.

A primeira aula de cada semestre é de apresentação e conhecimento dos novos colegas. Apresento o plano do semestre e eles sugerem autores que gostariam de estudar. A trilha pedagógica da aula de Érico Veríssimo será executada com todos os autores.

Trilha pedagógica de aula:

Literaturando a vida

Biografia de Erico Verissimo

O objetivo desta aula é trazer ao conhecimento dos alunos a vida de Érico Veríssimo, pois a biografia é o estudo de uma vida, com as dificuldades e as superações e nossas vidas, enquanto seres humanos, são parecidas ou não e isso gera lembranças e discussões.

1. Saudação aos alunos

4. Apresentação de PPT:
biografia e frases

2. Distribuição de texto
impresso (biografia e frases)

5. Leitura das frases de EV e
debate

3. Folha em branco para
anotações

6. Conversa com os alunos
sobre PPT

7. Convite para chá com bolo e salgados

8. Conversa espontânea com depoimentos e comparações da vida pessoal com a de Erico Verissimo

Quadro 2 – Custos.

Produção inicial 15 exemplares				
Descrição	Quantidade	Valor unitário	Valor total\$	Fonte
Custo variável		R\$ 50,24	R\$ 2.354,00	
Capa	15	12,33	185,00	Apoiadores
Revisão gramatical	15	13,33	200,00	Apoiadores
Diagramação	15	22,93	344,00	Apoiadores
Impressão tamanho 14x21 offset 90g	15	35,00	525,00	Apoiadores e autora
Ficha catalográfica	01	00	000	Biblioteca Unilasalle
Custo fixo		R\$ 20,60	R\$ 309,00	
Conexão Internet	15	12,60	189,00	Recurso próprio
Telefone	15	8,00	120,00	Recurso próprio
TOTAL DOS INVESTIMENTOS CUSTO TOTAL POR UNIDADE				R\$ 2.663,00 R\$ 104,20

Fonte: A autora, 2021.

Quadro 3 – Recursos.

Recursos	Total R\$
Apoiadores	250,00
Próprio	275,00
Total custo por livro para autora	18,33

Fonte: A autora, 2021.

6.5 CRONOGRAMA

Quadro 4 – Atividades.

Atividade	Período	Duração
Revisão bibliográfica	De ago./2020 a maio/2021	9 meses
Redação do texto para qualificação	De jan./2020 a maio/2021	12 meses
Defesa do projeto/qualificação	Julho/2021	1 dia
Escrita do trabalho final	Julho/21 a jan./22	6 meses
Ajustes e entrega do trabalho final	Fev./22	1 mês
Defesa do trabalho final	28/Março/2022	1 dia

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A não valorização do idoso é um grande motivo para preocupação, pois é doloroso experimentar um mundo onde impera o descaso. Estar e sentir-se desamparado gera angústia e sentimento de solidão. A longevidade está crescendo consideravelmente, ou seja, é um fenômeno recente, portanto, precisa ser adaptada à sociedade. Lembrando que envelhecer não é uma escolha, é uma lei natural da vida.

O envelhecimento é um processo universal, marcado por mudanças biopsicossociais específicas, é uma condição inerente ao processo da vida, onde varia de sujeito para sujeito e compreende algumas variáveis, tais como: genética, hábitos de vida, ambiente em que vive e a sociedade na qual se está inserida. (MACHADO, 2019, p. 38).

Quanto às condições e necessidade de um projeto voltado para a terceira idade podemos lembrar Ecléa Bosi (1977) quando diz que a sociedade pragmática não desvaloriza somente o operário, mas todo trabalhador: o médico, o professor, o esportista, o ator, o jornalista. E como reparar a destruição sistemática que o homem sofre desde o nascimento? Seria preciso que ele sempre tivesse sido tratado como homem.

Machado (2019), nas reflexões a respeito da condição do idoso na era pós-moderna, afirma que envelhecer torna-se complicado num cenário marcado pelo culto à juventude e à beleza, de um lado vemos o êxito e esforços da ciência para prolongar a vida e do outro lado, vivemos momentos de exclusão, erguendo-se muitas barreiras sociais para quem não se adapta.

A função social do velho é lembrar e aconselhar, ligando o que foi e o que há de vir. Mas essa sociedade capitalista impede a lembrança, usa o trabalho do velho e recusa seus conselhos: “A sociedade desarma o velho mobilizando mecanismos que oprimem a velhice, destrói os apoios da memória e substitui a lembrança por histórias celebrativas.” (BOSI, 1987, p. XVIII).

O meu desejo é que este livro seja uma ferramenta para um longo percurso de consideração do idoso. Que ao lê-lo, ele possa se sentir valorizado ao saber que existe um projeto de benquerença à Terceira Idade que pode viabilizar muitos outros.

O objetivo maior de incentivar as lembranças dos velhos é para que eles possam continuar passando seus conhecimentos e experiências. Se cada idoso pudesse ler um livro que mostrasse que não estão sozinhos, que existem outros iguais buscando um novo sentido para suas vidas, desejando serem valorizados, buscaria

ressignificação para abandonar medos e inseguranças. Esse produto final tem um caráter pedagógico que visa integrar teoria e prática, ou seja, mostrar o que diz Halbwachs, “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas pelos outros (HALBWACHS, 2006, p. 30) e Bosi, “Uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidada pelo espírito”. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugida”. (BOSI, 1987, p. 39).

Para mim, enquanto professora, é muito gratificante, uma vez que também construo conhecimento e me permito uma ressignificação através das biografias que apresento em sala de aula e dos diálogos gerados por elas entre os alunos. Também lembro de histórias contadas por meus pais e meus avós. Presenciar a utilização no meu produto de mestrado para a transformação de velhas perspectivas em novas oportunidades e concluir que se faz necessário investir na Terceira Idade é algo inovador e gratificante. Durante a realização das oficinas ressignificamos nossas lembranças.

[...] a lembrança é uma reconstrução do passado com a ajuda de dados tomados de empréstimo ao presente e preparados por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora já saiu bastante alterada. [...] se pela memória somos remetidos ao contato direto com alguma de nossas antigas impressões, por definição a lembrança se distinguiria dessas ideias mais ou menos precisas que a nossa reflexão, auxiliada por narrativas, testemunhos e confidências dos outros, nos permite fazer de como teria sido nosso passado. Não obstante, ainda que seja possível evocar de maneira tão direta algumas lembranças, é impossível distinguir os casos em que assim procedemos e aqueles em que imaginamos o que teria acontecido. (HALBWACHS, 2006, p. 91).

O livro certamente será fonte de recordação e evocação de memórias “A pluralização das memórias também tem a ver com a barreira das mídias. Na era da imprensa a escrita criou novos espaços de recordação. [...] e possibilitou novos acessos à memória e à história.” (ASSMANN, 2011, p. 54).

Parece que ouvir relatos de outros sobre suas histórias de vida nos ajuda a lembrar quem somos nós e, muitas vezes, a entender o que passamos. Ouvir ou ler relatos de idosos, a partir das biografias estudadas, mostra que vivemos situações parecidas umas com as outras e que não há, necessariamente, fracasso em nossa vida e sim, dificuldades a serem enfrentadas. Às vezes, achamos que só nós fomos reprovados nas nossas experiências.

A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgias, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma

obra de arte. [...] O velho, de um lado, busca a confirmação do que se passou com seus coetâneos, em testemunhos escritos ou orais, investiga, pesquisa, confronta esse tesouro de que é guardião. De outro lado, recupera o tempo que correu e aquelas coisas que, quando as perdemos, nos fazem sentir diminuir e morrer. (BOSI, 1987, p. 41).

É preciso dar voz àqueles que não têm lugar na sociedade e preservar-lhes a memória. desejo que esse livro, produto de mestrado possa ser o começo de uma nova história para os idosos, que produza neles um outro sentimento, não mais de excluídos ou esquecidos, mas de pertencimento, para mostrar a importância deles à sociedade a quem eles tanto contribuíram.

Como resultado deste trabalho de pesquisa, fui convidada a participar como convidada no Grupo “Trocando Vivências”, contribuindo com a ministração de uma aula online intitulada *Memória e Ressignificação de vida na velhice: através de essências biográficas da vida alheia*. O evento é promovido pelo Núcleo dos Aposentados da Associação dos Procuradores do Estado do Rio Grande do Sul – APERGS. A realização foi no dia 29 de setembro de 2021, através do aplicativo Zoom, totalizando 2 horas/aula.

Nesta noite, trouxe os autores que embasam o texto desta Dissertação e ministrei a biografia de Mário Quintana, nosso conhecido e amado poeta. Todos tinham lembranças acerca de Quintana, de vê-lo na praça da Alfandega ou na antiga Livraria do Globo na Rua dos Andradas.

Para mim foi gratificante assistir o deleite do grupo durante a apresentação da minha aula.

Segundo para uma análise entre teoria e prática, em sala de aula, são usadas Biografias e frases dos autores, porque em suma, somos muito parecidos, temos atitudes e reações parecidas. Segundo Alberti (2000)

Acredita-se que as biografias ilustram formas típicas de comportamento e concentram todas as características do grupo. [...] Em outras palavras: sem indivíduos concretos não se pode fazer uma pesquisa de história oral e, creio, não se pode fazer psicologia e psicanálise. (ALBERTI, 2000, p. 3).

As histórias dos autores lembram partes da história de cada um e quando um aluno começa a contar a sua própria história, outro aluno também lembra de fatos da própria história de vida. Pois como argumenta Halbwachs (2003, p. 30) “as lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros... A evocação de recordações é sempre feita recorrendo aos outros, seja a família, ou demais grupos”.

E é por essas conversas e lembranças em sala de aula, em que os alunos lembram situações parecidas e percebem que poderia ter agido de maneira diferente, ou declaram que não se arrependem do que fizeram, do quanto lutaram, conquistaram, perderam, recuperaram... que se realiza uma ressignificação de vida. “Ressignificação é um método que permite às pessoas uma nova significação aos acontecimentos de suas vidas, através de uma nova visão de mundo.” (SABBI, 2019).

Podemos constatar essa ressignificação quando estudamos as biografias e as frases dos autores. Erico Veríssimo: “Na minha opinião existem dois tipos de viajantes: os que viajam para fugir e os que viajam para buscar”. Um dos alunos declarou: Eu já fui os dois, mas um dia descobri que não precisava mais fugir. Os outros alunos começaram a se lembrar de fatos pelos quais sofreram quando jovens e que hoje não têm importância alguma. Como seria bom voltar a ser jovem com a experiência que temos hoje. Quem nunca pensou isso?

Com a frase de Clarice Lispector, “Eu caminho de um lado para o outro dentro de mim mesma”, os alunos perceberam que fazemos isso quando sentamos e começamos a pensar nas coisas que fizemos e não deveríamos ter feito, ou nas coisas que deixamos de fazer.

A partir da frase de Mario Quintana, “por acaso me surpreendo no espelho: quem é esse, quem é esse que me olha e é tão mais velho que eu?” Então começamos a conversar o quanto a alma permanece jovem, mas o corpo? Ah! O corpo envelhece!

Como é importante para os alunos estarem em sala de aula falando e ouvindo uns aos outros. Para manter viva a memória.

Para que uma lembrança reapareça à consciência, é preciso com efeito que ela desça das alturas da memória pura até o ponto preciso onde se realiza a ação. Em outras palavras, é do presente que parte o apelo ao qual a lembrança responde, e é dos elementos sensório-motores da ação presente que a lembrança retira o calor que lhe confere vida. (BERGSON, 1999, p. 179).

Basta uma palavra para que lembranças desçam das alturas, como diz Bergson (1999) se referindo ao que ele chama de Cone da Memória, para que sejam tomados de lembranças e haja trocas e ressignificações. Pois, segundo Candau (2013, 48), “não pode haver construção de uma memória coletiva se as memórias individuais não se abrem umas às outras visando objetivos comuns”.

Ecléa Bosi (2003) lembra que “O velho, de um lado, busca a confirmação do que se passou com seus coetâneos, em testemunhos escritos ou orais, investiga, pesquisa, confronta esse tesouro de que é guardião”. Conversar para manter viva a memória, para não deixar o passado cair no esquecimento e lembrar dos feitos e que chegamos até aqui. Somos vencedores!

Ainda acerca desse caráter social, podemos pensar o quanto a memória do indivíduo depende das palavras dos outros, das histórias lidas ou contadas, das obras de arte, que são sociais não só em termo do contexto que estão inseridas, mas por serem produções históricas. (SAMPAIO, 2000, p. 37).

Lembrando Rachel de Queiroz, a vida é uma tarefa que não pode ser dividida com ninguém. Mas podemos dividir a experiência dessa vivência para que possamos enxergar as várias possibilidades.

Mediante essa análise, temos respaldo para as teorias aqui desenvolvidas, e reafirmar que é preciso repensar os critérios, as opções e considerações que a sociedade tem dispensado ao idoso. Lembrando Ecléa Bosi, é o destino de todos nós. Velhice pode, ainda, ser a oportunidade de realizar antigos sonhos. Abrir caminho para os velhos é preparar lugar para todos nós.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Indivíduo e biografia na história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000. Disponível em: <https://url.gratis/wx3ijh>. Acesso em: 16 jun. 2021.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços da Recordação: Formas e transformações da memória cultural**. 2 ed. Campinas, S.P.: Editora Unicamp, 2011.
- BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BARRUCHO, Luís Guilherme. **Conheça casos polêmicos de biografias não autorizadas**. BBC NEWS Brasil. São Paulo. 2015. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06/150609_biografias_polemicas_lgb
- BERND, Zilá. **Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos**. Porto Alegre: Literalis Editora, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. IN FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2006.
- BORGES, Valdeci Rezende. História e literatura: algumas considerações. **Revista de Teoria da História-Journal of Theory of History**, v. 3, n. 1, p. 94-109, 2010.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editoria, 2003.
- BRAGA, Elizabeth dos Santos. O trabalho com literatura: memórias e histórias. **CEDES**, Campinas, v. 20, n. 50, p. 84-102, abril de 2000. Disponível em: <https://cutt.ly/dyOYAmg>. Acesso em: 22 mai. 2020.
- BRUM, Eliane. **Me chamem de velha**. Portal Geledés. 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/chamem-de-velha-por-eliane-brum/> Acesso em: 29 abr. 2022.
- BURKE, Peter. **A Invenção da Biografia e o Individualismo Renascentista**. Estudos Históricos. 1995. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/2038/1177/3517>. Acesso em: 11 jun. 2020.
- CANDAU, Joel. **Antropologia da Memória**. São Paulo: Instituto Piaget, 2013.
- CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo. Editora Contexto, 2011.
- CANTON, James; MENDROT, Camile. **O Livro da Literatura**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2018.
- CHARONE, Cynthia. **Me explica, doutora**. Grupo Cynthia Charone. 2022. Disponível em: <https://blog.cynthiacharone.com/terceira-idade/>. Acesso em: 30 abr. 2022.
- DIANA, Daniela. BiografiaSite Toda Matéria. Disponível em: <https://bityli.com/M5wx1>. Acesso em: 12 jun. 2021.

- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- ECO, Umberto. **Sobre a Literatura**. Rio de Janeiro: Ed Best Bolso, 2011.
- FERRAROTTI, F. **História e histórias de via**. O método biográfico nas Ciências Sociais. Tradução de Carlos Eduardo Galvão Braga e Maria da Conceição Passeggi. Natal, RN: EDUFRN, 2014.
- FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Frida Kahlo**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/frida_kahlo/ Acesso em: 29 maio 2021.
- GALVÃO, C. M.; MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P. **Revisão integrativa**: método de revisão para sintetizar as evidências disponíveis na literatura. São Paulo: látrica, 2010. p. 105-26.
- GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais. **Revista de Administração de empresas**. Scielo. 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 31 jul. 2021.
- GONDAR, Jô. **Quatro proposições sobre a memória social**. Rio de Janeiro, Contracapa, 2005.
- GULLAR, Ferreira. **Indagações de hoje**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympo, 1989.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. 2 ed. São Paulo: Editora Centauro, 2006.
- HARARI, Yuval Noah. **Homo Sapiens**: breve história da humanidade. Porto Alegre: L&PM, 2017.
- HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. Londres: Companhia de Bolso, 1997.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- JORDAN, D. Contemporary Methodological Approaches to Qualitative Research: A Review of The Oxford Handbook of Qualitative Methods. **The Qualitative Report**, [S.I.], v. 23, n. 3, p. 547-556, 2018.
- JOVIANO, Lúcia Helena a Silva. **O lugar do indivíduo e a crise da memória**. UFJF. 2010.
- JUSTO, Juliana Ludwig; ROSA, Lúcia Regina Lucas da. **UNATI**: contando histórias. Canoas. RS: Unilasalle, 2011.
- LEDOUX, Joseph. **O cérebro emocional**: os misteriosos alicerces da vida emocional. Editora Objetiva. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LEVI, Giovanni. Usos da Biografia. IN FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História Oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2006.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1990. DigitalSource.: edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4131021/mod_resource/content/1/LE_GOFF_HistoriaEMemoria.Pdf. Acesso em: 13 jun. 2020.
- Le GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2003.

MANZARO, Simone de Cássia Freitas. **Envelhecimento**: idoso, velhice ou terceira idade? Portal do Envelhecimento, 2014. Disponível em: <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/envelhecimento-idoso-velhice-ou-terceira-idade/>. Acesso em: 29 abr. 2022.

MATERIAL online da página web Pensador. **Frida Kahlo**. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTc5NDE3OQ/>. Acesso em: 29 maio 2021.

MATERIAL online da página web Pensador. **Frida Kahlo**. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTgxMDI5Mw/>. Acesso em: 29 maio 2021.

MATERIAL online da página web Pensador. **Frida Kahlo**. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTgwMDQzMA/>. Acesso em: 29 maio 2021.

MOORE, Alan; LLOYD, David. **V de Vingança**. Edição Especial. Barueri: Panini Comics, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/35D6a1j>. Acesso em: 19 jun. 2021.

PESAVENTO, Sandra Jatahi. **História e História Cultural**. 2 Ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004.

POLLAK, Michael. **A gestão do indizível**. Revista do instituto cultural judaico. 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Desktop/15543-54878-1-PB.pdf> Acesso em 10 Jan. 2022.

PORTAL Aprendiz. **Moradores Tiradentes**. Disponível em: https://portal.aprendiz.uol.com.br/wp-content/uploads/2018/05/moradores_tiradentes0020.jpg. Acesso em: 20 jun. 2021.

PORTAL DO IPHAN. Disponível em: <https://bit.ly/3zOEhBh>

PUBLISHNEWS. TEDESCO, Paulo. **Autobiografias e biografias, relicários da memória**. Disponível em: <https://bit.ly/3zCAVBI>. Acesso em: 17 jun. 2021.

RANGEL, Juliana. Home Click Museus. **Banco sonoro com acervo do Museu da Pessoa é instalado no Parque Ibirapuera**. Disponível em: <https://clickmuseus.com.br/obra-raizes-negras/>. Acesso em: 20 jun. 2021.

RAMALHO, Renan. **Relatora no STF diz que não é preciso autorização prévia para biografias**. Globo.com. G1. 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2015/06/relatora-no-stf-diz-que-nao-e-preciso-autorizacao-previa-para-biografias.html>. Acesso em: 25 Jan. 2022.

SÁ, Celso Pereira de. Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 20, p. 290-295, 2007.

SABBI, Deroni. Ressignificando a vida. **Revista online administradores.com, café.com.adm**. Disponível em: <https://administradores.com.br/artigos/ressignificando-a-vida>. Acesso em: 31 jul. 2021.

SAMPAIO, Ninalcira de Lemos. O Arco da Memória: Literatura e História em a sétima vez de Alina Paim. Universidade Federal de Sergipe. 2012. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/5846/1/NINALCIRA_LEMOS_SAMPAIO.pdf. Acesso em: 24 jun. 2021.

SCHMIDT, Benito Bisso. **O Gênero Biográfico no Campo do Conhecimento Histórico**: Trajetória, Tendências e Impasses Atuais e uma Proposta de Investigação. Porto Alegre: UFRGS, 1996.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Por que escrevemos biografias?** (Artigo). In: Café História – história feita com cliques. Publicado em 11 de fevereiro de 2019. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/por-que-escrevemos-biografias/>

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão**: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República. São Paulo: Cia. Das Letras, 1999.

SILVA, Wilton Carlos Lima da. Biografias: construção e reconstrução da memória. **Fronteiras**, v. 11, n. 20, p. 151-166, 2009.

VENERA, Raquel Alvarenga Sena; SZYMCZAK, Maureen Bartz. A ativação valorativa das histórias de vidas no Museu da Pessoa. **Anais do Museu Histórico Nacional**, v. 51, p. 174-190, 2019.

@FridaKahloTeatro Editorial/Opinião. Disponível em: <https://www.facebook.com/FridaKahloTeatro/>. Acesso em: 16 jul. 2021.

ANEXO A: Capa e Contracapa do Diário de Canoas de 18/09/2021

DC
diariodecanoas.com.br

QUARTA-FEIRA
18 de setembro de 2021
R\$ 3,30

VALE TÍTULO
Com Rapito no comando, a noite é para o time reverter desvantagem, acamam o Furacão e acabar com a legião de atletas brasileiros para também honrar a Semana Farroupilha
GRÊMIO COM SEMANA DE TREINOS

Uma semana para incentivar a relação entre mãe e bebê
Programação da Semana do Bebê de Canoas segue com atividades nas 27 Unidades Básicas de Saúde e nos Centros de Referência em Assistência Social. **Página 4**

NOVA REGRA SANCIONADA AMPLIAÇÃO DE POSSE DE ARMA EM ÁREA RURAL
PÁGINA 13

POLÍCIA EM 20 DIAS, DUAS MULHERES SÃO ASSASSINADAS
PÁGINA 12

ORGULHO DE SER GAÚCHO NA MELHOR IDADE
Membros da Universidade Aberta para a Terceira Idade (UAI) da Universidade, assistem a workshop sobre literatura tradicionalista com Magali Brito, na tarde de ontem. **Contracapa**



Literatura e tradicionalismo
Workshop para terceira idade abordou obra de Simões Lopes Neto, na Semana Farroupilha

APRENDIZADO E DISCUSSÃO SOBRE AS OBRAS
Conhecer a literatura por meio de ações educativas é uma das estratégias da Universidade Aberta para a Terceira Idade (UAI) da Universidade de Canoas. Uma das ações realizadas foi o workshop sobre literatura tradicionalista com Magali Brito, na tarde de ontem. A atividade abordou a obra de Simões Lopes Neto, um dos maiores escritores gaúchos. O objetivo do workshop é aproximar os participantes da literatura e da cultura gaúcha, além de proporcionar um momento de reflexão e discussão sobre as obras.

REFLEXÃO
O workshop é realizado em parceria com a Universidade Aberta para a Terceira Idade (UAI) da Universidade de Canoas. A atividade é gratuita e aberta a todos os interessados.

NOSSA RÁDIO ABC, JORNAIS E TV GANHAM UM OLHAR ESPECIAL.

acompanhe CLÁUDIO BRITO NOS VEÍCULOS DO GRUPO SINOS:

NH, VS E DIÁRIO DE CANOAS
• Queremos trazer notícias locais e regionais para você. Acompanhe o NH, VS e Diário de Canoas.

RÁDIO ABC
• No programa de rádio, apresentamos notícias locais e regionais. Acompanhe a Rádio ABC.

TV
• Seguiremos a ser transmitidos em canais de TV. Acompanhe o NH, VS e Diário de Canoas.

ABC
• Para assistir, basta se conectar ao aplicativo.

Para assistir, basta se conectar ao aplicativo: radioabc900.com.br

Sintonize a 900 AM, ou acompanhe a Rádio ABC pelo aplicativo: radioabc900.com.br

DC
O JORNAL DA COMUNIDADE
quarta-feira, 18/09/2021

PARA FALAR COM O DC
APROFUNDAR: (51) 3662-3000
REDAÇÃO: (51) 3662-3000
PÓS-VENDA: (51) 3662-3000
ASSINANTE: (51) 3662-3000

ASSINANTE
Pague em dinheiro: (51) 3662-3000
Pague em cartão: (51) 3662-3000

ASSINANTE
Pague em dinheiro: (51) 3662-3000
Pague em cartão: (51) 3662-3000

ASSINANTE
Pague em dinheiro: (51) 3662-3000
Pague em cartão: (51) 3662-3000

ANEXO B: Certificado**CERTIFICADO*****MAGALI REGINA BIFFI***

por participar como Convidada no Grupo "**Trocando Vivências**", contribuindo com a exposição Memória e Ressignificação de vida na velhice: através de essências biográficas da vida alheia.

Evento promovido pelo Núcleo dos Aposentados da Associação dos Procuradores do Estado do Rio Grande do Sul – APERGS, no dia 29 de setembro de 2021, através do aplicativo Zoom, totalizando 2 horas/aula.

Porto Alegre, 29 de setembro de 2021.

Carlos Henrique Kaipper
Presidente da APERGS

ASSOCIAÇÃO DOS
PROCURADORES
DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL - APERGS



ANEXO C: HOMOLOGAÇÃO

Credenciamento: Portaria N° 597/2017 de 5/5/2017, D.O.U de 8/5/2017

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS**PEDIDO DE HOMOLOGAÇÃO DE RESULTADO FINAL DE APROVAÇÃO DA BANCA DE DEFESA**

Eu, **LÚCIA REGINA LUCAS DA ROSA**, ORIENTADOR(A) DO(A) ALUNO(A), **Magali Regina Biffi**, que obteve o conceito **aprovado** previsto no Art. 51, inciso I, do Regulamento Geral dos Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Universidade La Salle e também no Art. 59, inciso I, do Regulamento Específico do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle, com base nos artigos 20 e 21 - inciso X – e artigos 20 e 21 – inciso VIII dos respectivos e já mencionados Regulamentos, solicito a homologação do Parecer Final da Banca Examinadora, ao egrégio Colegiado do Programa.

Informo que realizei a revisão da versão final e a aprovei considerando que O(A) ALUNO(A) atendeu às recomendações indicadas pela Ata de Defesa e nos pareceres individuais que me pareceram pertinentes.

Canoas, 6 de maio de 2022.

Lúcia Regina Lucas da Rosa